

A Presença de Prestes – Fator de Unidade e Vitória

COMENTÁRIO
POLÍTICO
Na 3a. Página



Pe
Exemplar
3

VOZ OPERÁRIA

Nº 454 - RIO DE JANEIRO, 15 DE FEVEREIRO DE -958

**CRIARAM-SE NOVAS CONDIÇÕES
E POSSIBILIDADES MAIS FAVORÁVEIS
PARA QUE O BRASIL REALIZE UMA POLÍTICA
CONSEQUENTEMENTE INDEPENDEN-
TE — Artigo de Luiz TELLES (Na 4a. Página)**

← Na foto, flagrante de uma das assembléias do proletariado paulista, por ocasião do movimento pelo aumento de 25% nos salários. Agora a classe operária de São Paulo, unida aos trabalhadores de Minas, Distrito Federal e Estado do Rio, faz avançar o movimento operário brasileiro — (reportagem na 9ª página)

Leia Vantagens concretas e argumentos sem consistência — Editorial na 3a. página

★
Agressão francesa à Tunísia — Crônica Internacional na 2a. página

★
A IV Conferência do C. R. do Rio, do Partido Comunista do Brasil — Texto na 5a. página

★
Imensas possibilidades para o nordeste nas relações com os países socialistas

Reportagem na 12a. página

★
Sob a bandeira do marxismo-leninismo — Por Gheorghiu-Dej, 1.º Secretário do Partido Operário da Rumânia



O POVO CHINÊS MARCHA A PASSO DE GIGANTE

Seis Condições Para Ultrapassar a Inglaterra (Rep. na Página Central)

Terror Fascista em Cuba

CENTENAS DE ASSASSINATOS COMETIDOS PELA POLÍCIA DO DITADOR BATISTA — VINTE E UM ENFORCAMENTOS EM UM SÓ DIA — DOLOROSOS PARA O POVO CUBANO OS ÚLTIMOS DIAS DA DITADURA DE FULGÊNCIO BATISTA

É muito grave a situação do povo cubano, e especialmente a dos militantes das lutas populares em defesa das liberdades democráticas e da independência nacional, em cuja primeira linha se encontram os comunistas. O ditador Batista, cada vez mais impopular, vendo aumentar em todos os setores da opinião pública a oposição à sua política antinacional, intensifica as medidas de terror fascista e de repressão policial.

São frequentes as prisões arbitrárias e as «desaparições» de líderes democráticos, e o emprego da tortura é sistemático. Segundo uma denúncia da juventude socialista de Cuba, centenas de pessoas têm sido assassinadas com um tiro na nuca, e encontradas mortas nas estradas, depois de barbaras sevícias.

A 25 de setembro do ano findo foi detido o conhecido dirigente estudantil Leonel Soto. Durante dez dias foi espancado e submetido a torturas brutais. Por várias vezes golpearam-no na coluna vertebral, para fazê-lo perder os sentidos. Posteriormente, por meio de um julgamento rápido, preparado com a intervenção aberta da embaixada dos Estados Unidos, foi ele condenado a 6 anos de prisão, e enviado à ilha de Pinos, prisão célebre pelas atrocidades torturadas infligidas a prisioneiros políticos. Leonel Soto, que é filiado à Juventude Socialista de Cuba, continua nas garras da polícia

de Batista. Na cidade de Bayamo, cidade do Monumento Nacional, porque ali começou a guerra de 1898 pela independência de Cuba, apareceram em um só dia 21 cidadãos, em sua maioria jovens, enforcados pela polícia em arvores, à entrada da cidade. Fato análogo se passou na cidade de Trinidad, onde apareceram enforcados 7 jovens; os soldados da «Guarda Rural» que os assassinaram, completamente embriagados, cantavam

em torno dos corpos dos jovens patriotas. Em momento um grupo de soldados foi buscar um operário comunista em sua residência, como não o encontrassem, assassinaram um jovem de 17 anos, da Juventude Socialista, seu irmão.

São estes apenas alguns exemplos que bem mostram o clima de terror fascista vivido neste momento pelo povo cubano. Constitui dever de honra de todos aqueles que lutam em todo o mundo pe-

las liberdades, pela independência nacional e pela paz desenvolver com toda a rapidez a máxima solidariedade aos patriotas cubanos. A ditadura de Batista, irrevogavelmente condenada e já cambaleante, esforça-se por atogar em sangue a revolta popular, e os demais povos, particularmente os da América Latina, não podem assistir a tais fatos de braços cruzados e sem protestar.

VIOLÊNCIAS DO GOVERNO FRANCÊS CONTRA ESTUDANTES ARGELINOS

Mohammed Khemisti é um jovem líder estudantil argelino, secretário-geral da União Geral dos Estudantes Muçulmanos Argelinos (UGEMA). Cursava medicina na Universidade de Montpellier, na França, quando foi detido pela polícia francesa, a 13 de novembro último. Sabedor do fato, o secretariado da União Internacional de Estudantes protestou imediatamente, condenando essa ação como uma violação flagrante das liberdades democráticas, e manifestando sua plena solidariedade com os estudantes argelinos em luta pela liberdade e independência nacional. Telegramas de protesto foram enviados ao presidente da França, ao Ministro da Educação e ao governador da Argélia.

Levando em conta o fato de

O GOVERNO DA FRANÇA DECIDE DISSOLVER A UNIÃO DOS ESTUDANTES ARGELINOS — EM PERIGO A VIDA DE UM LÍDER ESTUDANTIL DA ARGÉLIA MOHAMMED KHEMISTI

que em outros casos semelhantes cidadãos argelinos foram presos e enviados à Argélia, onde foram a seguir dados como «desaparecidos», é claro que o mesmo perigo ameaça a vida de Khemisti.

Atendendo a um apelo da União Geral dos Estudantes Muçulmanos Argelinos (UGEMA) sediada em Paris, rua Montmartre 26, desenvolve-se neste momento em numerosos países uma campanha de solidariedade e pela libertação de Khemisti, através de atos públicos, mensagens de protesto dirigidas às em-

baixadas francesas e ao presidente da França, e outras formas de ação.

A 29 de janeiro, segundo notícia da Agência Nova China, realizou-se em Paris um encontro de representantes de 9 organizações estudantis francesas, a fim de protestar contra a decisão do governo, de dissolver a UGEMA. Essa decisão do gabinete Felix Gaillard foi seguida de numerosas prisões de estudantes argelinos na França. A juventude estudantil francesa levanta-se assim em defesa de seus irmãos argelinos.



Surgem novas Provocações Imperialistas na Indonésia

Novas provocações imperialistas desenvolvem-se neste momento na Indonésia. Concentrados num foco «rebeld» na região central de Java, um grupo de elementos reacionários, incluindo alguns oficiais das forças armadas que se intitulam «os jovens

coronéis», pôs-se a anunciar aos quatro ventos a constituição de um «governo republicano autônomo» e o envio de um ultimatum a Sukarno, no sentido de que este modificasse a atual política externa de seu governo, passasse a hostilizar o Partido Comunista, e colocasse na chefia do governo o antigo primeiro ministro Hatta, chefe do partido muçulmano reacionário Masjumi.

Trata-se de repetição de tentativas que vêm sendo feitas pelas mesmas forças e com os mesmos objetivos desde o início de 1957, e que são inspiradas pelo imperialismo. Embora não se deva subestimar certos perigos ainda subsistentes, é de prever-se que o novo foco reacionário será ainda mais facilmente dominado que os anteriores, pois surge num momento em que a unidade das forças patrióticas da Indonésia se apresenta em nível muito mais elevado. Prova disso é a repulsa imediata do primeiro ministro Djuanda às insinuações de uma mudança de governo, feitas em Djakarta por alguns políticos reacionários a pretexto de «reordenar as dificuldades». Apesar da ausência de Sukarno, que se encontra neste momento no Japão, tudo indica que a situação política na Indonésia se mantém firme, com todas as forças populares e nacionalistas unidas e vigilantes.

A 31 de janeiro os dirigentes de três dos quatro grandes partidos da Indonésia reafirmaram em declarações públicas seu apoio ao gabinete Djuanda e sua oposição a qualquer modificação de ministério neste momento. Foram eles os dirigentes do Partido Nacionalista, ao qual pertence Sukarno do Partido Comunista da Indonésia, e do partido muçulmano progressista Nahdatul Ulama.

Organizam-se os trabalhadores Egípcios

Constitui notícia auspiciosa o fato de ter recentemente atingido a um milhão e meio o número de associados da Confederação Egípcia do Trabalho, fundada exatamente há um ano. A Confederação já conta com 1.300 sindicatos a ela filiados, na indústria, nas organizações comerciais na agricultura. Conta também com organizações específicas de jovens e mulheres trabalhadoras.

O primeiro aniversário da Confederação Egípcia do Trabalho foi comemorado com um comício, do qual participou também uma delegação dos sindicatos soviéticos, atualmente em visita ao Egito. Durante o ato foi aprovado um protesto contra as atrocidades francesas na Argélia, e contra a condenação da jovem patriota argelina Djamilia Bourheid.

O rápido progresso da Confederação Egípcia do Trabalho revela que está sendo superada uma das principais falhas do movimento democrático e patriótico do Egito — a deficiência organizacional do movimento operário e sindical. Reforçam-se assim as condições para o êxito do novo Estado, constituído pela federação sírio-egípcia — a República Árabe Unificada.

Crônica Internacional

Agressão Francesa à Tunísia

NA MANHÃ de 8 do corrente um grupo de 25 aviões militares franceses — 11 bombardeiros, 6 caça-bombardeiros e 8 caças a jato, bombardearam durante quase uma hora a aldeia Sakiet Sidí Youssef, no território da Tunísia. Cerca de 80 pessoas foram mortas, inclusive mulheres e um grupo de crianças que assistiam a uma aula numa escola. Os principais edifícios públicos, como a Prefeitura, os Correios e o Pósto da Guarda Nacional Tunisiana ficaram, como a escola, completamente destruídos. Um representante da Cruz Vermelha Internacional, o sueco Goesta Heuman, que se encontrava próximo da aldeia no momento do bombardeio, em missão de distribuição de alimentos, declarou: «Entramos na aldeia por entre fumaça e escombros. Havia cadáveres por toda parte e se ouviam os gemidos dos feridos. Jamais esquecerei a pavorosa cena que presenciei em Sakiet.» «Por todos os lados que eu olhava, via mulheres e crianças ensanguentadas». Dos três caminhões da Cruz Vermelha, dois foram destruídos pelas bombas.

Chaban-Delmas, Ministro da Defesa do governo francês, teve a desfaçatez de descrever o fato da seguinte maneira: «Ontem vimos-nos obrigados a esmagar um pequeno grupo de rebeldes e assassinos». E acrescentou: «A verdadeira vocação de nosso país é a luta». Segundo esse autorizado porta-voz do imperialismo francês o bombardeio de Sakiet se justifica, pois lá havia um grupo de refugiados argelinos. «A fronteira não pode ser uma cortina por trás da qual os rebeldes se acobertarão na impunidade». Como argumento final, o sr. Chaban-Delmas invocou ainda a «defesa do mundo livre», que estaria «ameaçado» pelo movimento de libertação nacional do povo argelino.

A brutal violação do território da Tunísia, levada a efeito como verdadeiro desafio, constitui a culminação de uma série de atos através dos quais o imperialismo francês vem intensificando, nas últimas semanas, sua política de terrorismo contra os patriotas argelinos. Pouco antes do bombardeio o governo francês já havia afrontado a opinião pública mundial com a condenação da jovem argelina Djamilia Bourheid, de 22 anos, depois de haverem os agentes policiais, com torturas, assassinado uma moça, presa juntamente com ela, e enlouquecido uma outra. Recrudescem as perseguições de estudantes e trabalhadores argelinos residentes na França, e as matanças de camponeses árabes no território da Argélia.

Os imperialistas franceses tentam criar um foco de guerra na África do Norte, e nisso são, apoiados de modo encoberto pelos Estados Unidos: a maioria dos aviões utilizados contra a aldeia Sakiet era de fabricação norte-americana, fazendo parte dos armamentos fornecidos através da OTAN, e o governo de Washington acaba de conceder à França um novo empréstimo de 600 milhões de dólares. Além disso o governo norte-americano tem até agora conseguido, com habilidade, evitar uma discussão eficiente da questão argelina na ONU. O próprio jornal oficial do partido Neo-Destour, que governa a Tunísia, e ao qual pertence Bourguiba, teve de confessar: «A dura realidade nos ensina todos os dias que ficar amarrado à fralda da camisa do Ocidente só nos proporciona insultos e humilhação, e que para ser respeitado em 1958, ... é preciso ser um Nehru, um Tito ou um Nasser». Em telegrama dirigido a Eisenhower o representante do Movimento de Libertação Nacional da Argélia protesta contra «a guerra colonial francesa na Argélia e a tragédia de Sakiet, provocada com o auxílio de aviões e bombas norte-americanas». «O povo norte-africano não pode ser aliado daqueles que apoiam o agressor francês».

Enquanto se levanta em todo o mundo árabe uma poderosa onda de protesto, reforçada pela posição firme já oficialmente assumida pelos governos do Egito e da Síria, o governo Bourguiba, embora ainda com vacilações ligadas a seus compromissos com o imperialismo, toma as primeiras medidas de reação: manda cercar as forças francesas estacionadas na Tunísia, retira o seu embaixador em Paris, e pede a intervenção da ONU. É inevitável que desta vez o problema seja discutido na grande organização internacional. Em ocasiões anteriores tem sido vergonhosa a posição assumida pela delegação do governo brasileiro, sempre votando incondicionalmente com os Estados Unidos, e votando contra nações semicoloniais, mesmo quando os Estados Unidos, por conveniência diplomática, se abstêm (foi por exemplo o caso da reclamação da Indonésia contra a Holanda, inscrita pela maioria dos países afro-asiáticos e pela Bólvia). O povo brasileiro não poderá no entanto admitir que, no caso da agressão à Tunísia, o fato se repita. Para isso, impõe-se a mobilização imediata da opinião pública, em apoio aos patriotas argelinos e à Tunísia, e contra as ações do imperialismo francês.

Vantagens Concretas e Argumentos Sem Consistência

A QUESTÃO do estabelecimento de relações com a União Soviética e os demais países socialistas vem sendo um dos centros dos debates parlamentares, há pouco reiniciados. Numerosos deputados de vários partidos se manifestam com veemência por aquela medida, que seria um passo importante para modificar a política exterior do país no sentido reclamado pelos interesses nacionais. Os deputados nacionalistas vêm exigindo que o Itamarati exponha ao Legislativo os argumentos em que se baseia para pretender conservar uma situação anômala, que toda a nação condena.

OS DEPUTADOS argumentam, com inteira justiça, que as relações comerciais nada têm de ver com as diferenças de regime social entre os países. O que interessa nas trocas de mercadorias são as vantagens mútuas do ponto de vista econômico. Não interferem aí tampouco as questões ideológicas. O deputado pernambucano Oswaldo Lima Filho afirmou, com razão, que nos mais velhos tratados de Direito Comercial não se estabelece relação entre intercâmbio de mercadorias e ideologia política.

SÃO os brasileiros que decidem sobre o regime social e político no seu país. A sua soberania absolutamente não será afetada, por exemplo, com a troca do café que produzimos pelo equipamento petrolífero soviético. A União Soviética mantém ativo intercâmbio com a Finlândia, pequeno país vizinho de apenas quatro milhões de habitantes. A Finlândia, entretanto, permanece um país capitalista, situação que só se modificará por espontânea decisão do seu povo.

Enquanto os entreguistas sabotam, particularmente no Itamarati, a normalização das relações com a URSS e outros países socialistas, a Argentina dá o brilhante exemplo das vantagens dessas relações. A delegação comercial argentina, chefiada pelo vice-ministro Raul Ondarts, obteve êxito nas suas negociações em Moscou, concluindo

acordos que incrementarão as trocas, já relativamente significativas, entre o país sul-americano e a grande potência socialista. Isto, entretanto, não influi nas questões da política interna da Argentina, nem a impede de manter correntes de comércio com qualquer país capitalista, inclusive com os Estados Unidos.

COMO se vê, não têm qualquer consistência os argumentos dos entreguistas e dos setores ultra-reacionários, que se opõem a uma reivindicação, que tomou conta de toda as classes e camadas sociais. Muito mais alto do que esses precários e surrados argumentos falam os seis milhões de sacas de café sem escoamento, quando já se aproxima a próxima safra e, com ela, ainda mais sérios problemas de mercado.

ENQUANTO se manifestam claramente pelas relações com a URSS os nacionalistas do parlamento e do governo e o mesmo fazem personalidades extremamente conservadoras dos círculos econômicos, não podem ser bem recebidos pela opinião pública as recentes declarações do general Teixeira Lott, a estações de rádio e televisão. Tais declarações não se harmonizam com as convicções nacionalistas do próprio ministro da Guerra, já manifestadas, pela palavra ou pela ação, em graves questões de interesse do país. As incoerências e as capitulações diante dos entreguistas não trazem qualquer benefício à causa nacionalista. Foram, pois, indiscutivelmente negativas as declarações do general Lott, num momento em que as relações com o mundo socialista se tornam legítima reivindicação nacional.

AS forças que sustentam esta exigência são de uma amplitude sem precedentes. As razões objetivas que motivam esta reivindicação não deixarão de pesar cada vez mais. Há, pois, grandes possibilidades para torná-la vitoriosa e dar, assim, um passo concreto no sentido de uma política exterior consentânea com os interesses da nação.

Comentário Político

A PRESENÇA DE PRESTES, FATOR DE UNIDADE E VITÓRIA

Esta edição do VOZ OPERÁRIA entrou em máquina antes da anunciada entrevista coletiva do Juiz Monjardim Filho, quando será revelada à imprensa e ao país a decisão do titular da 3ª Vara Criminal quanto ao requerimento apresentado pelos advogados de Prestes.

A decisão, — aguardada em meio a intensa expectativa do povo brasileiro e especialmente da opinião democrática e progressista do país — está destinada a exercer considerável influência no desenvolvimento ulterior do ascenso democrático em curso.

A longa segregação de Prestes afastado do convívio do povo, dos amigos e da família em virtude da prisão preventiva decretada há muitos anos em iníquo processo político, está em contradição flagrante com a atual situação, em que se afirmam as franquias democráticas e constitui remanescente odioso do período de reação obscurantista que teve o seu auge ao tempo do governo Dutra, quando foi montado o processo com base num amontoado de infâmias, calúnias e ridículas denúncias policiais. Externamente a situação se caracterizava então pela investida imperia-

lisa, comandada pelo governo Truman, e baseada na iminência da terceira guerra mundial. Internamente a onda reacionária visava liquidar as liberdades e preparar a participação dos nossos soldados na sonhada agressão dos imperialistas lanques aos países do socialismo.

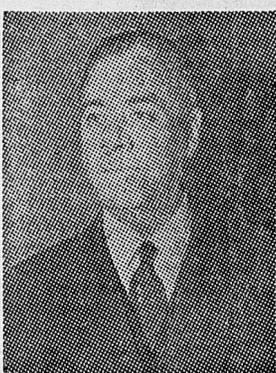
Mas os povos contiveram os bolchevistas lanques, o anunciado conflito foi evitado e as forças da paz são cada vez mais poderosas e capazes de evitar a guerra e assegurar a convivência pacífica entre os países capitalistas e socialistas. No nosso país foram reconquistadas as principais liberdades do povo e se processou, com vigor crescente, o amplo movimento de emancipação nacional que ure as mais variadas forças sociais, econômicas e políticas. Todos os processos políticos instaurados à época foram enterrados, desmoralizadas grosseiras farsas policiais como as da explosão de Deodoro e do incêndio de um quartel em João Pessoa. Restam, do negro período, os dois processos instaurados contra Prestes e alguns companheiros.

Examinando a situação dos acusados, o titular da 3ª Va-

ra, repetidas vezes, tem decidido pela revogação da sua prisão preventiva e pelo seu incontável direito de se defender em liberdade. Tais decisões foram confirmadas por um acórdão unânime do Supremo Tribunal Federal. Não é lícito, portanto, a ninguém, prever que se estabeleça uma exceção que seria odiosa para o caso de Prestes. E o passado do Juiz Monjardim Filho, sua reconhecida cultura jurídica e notória independência de julgamento to, são o penhor de que o requerimento de Prestes será decidido com equidade e segundo os reclamos da consciência democrática do povo brasileiro.

A volta de Prestes ao convívio do povo, o seu contato com os líderes das demais forças democráticas e progressistas do país, no presente momento, constituirá notável reforço ao movimento nacionalista em ascensão, que dá os primeiros passos no caminho das eleições de 3 de outubro. A unidade dos diferentes setores do movimento nacionalista é fator decisivo para assegurar nova composição do Congresso, capaz de inaugurar uma nova política nacional, independente e progressista.

Novo Presidente da Assembléia Nacional Rumena



Na sessão de 11 de janeiro e por proposta de G. Gheorghiu Dej, primeiro secretário do CC do Partido Operário Rumeno, a Grande Assembléia Nacional da República Popular da Romênia elegeu, por votação secreta, o novo presidente do Presidium da Grande Assembléia Nacional da RPR.

Ion Gheorghe Maurer, o novo presidente, nasceu em 1902, em Bucarest, onde cursou seus estudos na Faculdade de Direito. Durante a guerra, Ion Maurer combateu decididamente contra o fascismo e foi internado na

prisão de Antonescu num campo de concentração. Depois da libertação do país desempenhou importantes funções. Em 1948 foi eleito membro do Comitê Central do Partido Operário Rumeno. Como destacado jurista, foi nomeado diretor do Instituto de Estudos Jurídicos. É membro efetivo da Academia da RPR.

Nos últimos tempos ocupou o cargo de ministro das Relações Exteriores e como tal, presidiu a delegação rumena à 12ª sessão da Assembléia Geral da ONU, onde levou uma valiosa contribuição à política de paz e de colaboração entre os povos.

A IV Conferência do C.R. do...

de organização, nem querer estabelecer agora plataformas iguais para todos, as quais, se em alguns casos podem ser bastante radicais, em outros podem restringir-se a um único problema, como, por exemplo, a defesa da Petrobrás. Não devemos ter como preocupação central a filiação obrigatória das organizações nacionalistas a uma determinada cúpula, mas procurar manter relações amistosas com todas, compreendendo que somente através da unidade de ação das massas é que a luta nacionalista poderá adquirir uma consistente unidade orgânica.

Aproximamo-nos das eleições de outubro, que, num curto prazo, se tornarão o centro das atividades políticas do país e, portanto, do nosso Partido. Pela primeira vez, nos últimos dez anos, por iniciativa do CR, não nos atrasamos para enfrentar tão importante problema. Em nota pública, o CR definiu sua posição frente a essa matéria. A campanha eleitoral, se bem aproveitada, como já vem ocorrendo em algumas Zonas, poderá ser o caminho para um rápido impulso à luta nacionalista e a conquista de reivindicações. Atuando em frente única, visando a eleger patriotas e democratas, comunistas ou não, pretendemos melhorar a composição da Câmara Municipal e da bancada Carioca na Câmara Federal. O Partido tradicionalmente, desenvolve grande atividade nas campanhas eleitorais, o que lhe permitirá, com a orientação que hoje possui, realizar uma virada no trabalho junto às massas e sair da difícil situação em que hoje se encontra. É preciso, já neste momento, ativarmos o alistamento eleitoral e iniciarmos o trabalho concreto com os candidatos, aliados e membros do Partido de forma justa, dentro das condições atualmente existentes.

N.R.: Os subtítulos são de nossa autoria.

Marcel Cachin, Glória Do Proletariado Francês

Os jornais trouxeram a notícia do falecimento de Marcel Cachin, no dia 11 último. A morte do mais velho entre os dirigentes comunistas do mundo inteiro deixa de luto o movimento operário internacional. Viveu uma vida não só excepcionalmente longa como extraordinariamente ativa, fecunda, irradiando ensinamentos. Os seus quase setenta anos de militância no movimento operário se tornaram exemplo para sucessivas gerações de combatentes da causa do comunismo.

Filho glorioso do povo francês, Marcel Cachin era querido pelos trabalhadores conscientes de todo o mundo. Os seus ensaios sobre questões teóricas, os seus discursos e artigos se tornaram conhecidos em numerosas línguas. As suas intervenções parlamentares alcançaram,

frequentemente, grande repercussão. A sua morte deixa profundamente consternados os comunistas brasileiros e todos aqueles que, em nosso país, simpatizam com a luta por um futuro socialista para a humanidade.

Marcel Cachin nasceu a 20 de setembro de 1869. Em 1891, ingressou no Partido Operário Francês, então dirigido por Jules Guesdes. Desde logo, Marcel Cachin se tornou militante ativo e destacado. Ao lado do grande Jean Jaurès, seu mestre e amigo, dedicou-se à luta pela paz, tendo em vista a corrida armamentista, que prenunciava a hecatombe da primeira guerra mundial.

Cachin saudou ardentemente a revolução socialista na Rússia em 1917 e, desde o primeiro momento, proclamou a justiça da ação de Lênin e do Partido bolchevique. Colocava-se, assim, em oposição frontal aos dirigentes oportunistas dos partidos da II Internacional, que traíram a causa do socialismo e se colocaram no campo dos inimigos do Estado proletário recém-nascido.

Em abril de 1917, Cachin foi à Rússia e, antes dos grandes acontecimentos de novembro do mesmo ano, soube avaliar a significação histórica da luta revolucionária dos bolcheviques. Regressando à França, declarou que os socialistas e democratas franceses deviam apoiar a revolução russa.

Em 1920, Cachin esteve pela segunda vez na Rússia Soviética, na qualidade de observador do Partido Socialista francês ao II Congresso da Internacional Comunista. Manteve então conversações pessoais com Lênin.

Na França, Cachin se dedicou à tarefa de popularizar a revolução russa entre os militantes socialistas e os trabalhadores.

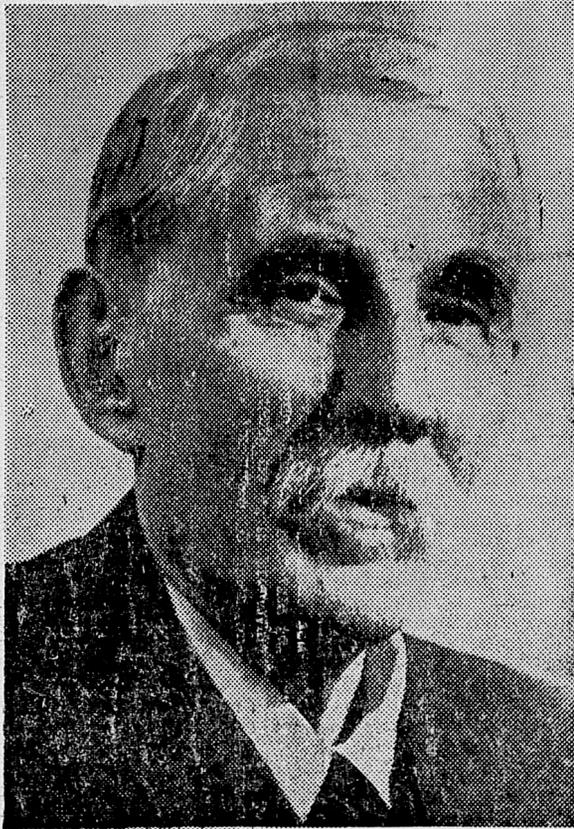
Em dezembro de 1920, na cidade de Tours, reuniu-se o congresso do Partido Socialista francês. Cachin travou aí uma dura batalha ideológica contra os oportunistas como Renaudel e Leon Blum. A atuação de Cachin, de Vaillant-Couturier e de seus adeptos, levou o congresso a aprovar por maioria de votos a adesão à Internacional Comunista. Tinha início, com este ato, a criação do Partido Comunista Francês, do qual Marcel Cachin foi um dos mais destacados fundadores.

Colaborador de Jean Jaurès, após o assassinato deste no início da 1ª guerra mundial, Cachin se tornou o diretor de "L'Humanité", diário socialista fundado por Jaurès. Cachin se mostrou brilhante e combativo jornalista nas páginas do célebre jornal do proletariado francês.

Membro do Bureau Político do Partido Comunista Francês, Cachin deu a sua valiosa contribuição nas lutas operárias, pela paz e pelo socialismo.

Nos últimos anos, numerosas vezes presidiu a sessão inaugural da Assembléia Nacional Francesa, na qualidade de deputado mais velho. A sua voz se ergueu sempre em defesa dos legítimos interesses nacionais e das reivindicações das massas.

No ano passado, por ocasião do seu 82º aniversário, Marcel Cachin foi condecorado com a Ordem de Lênin pelo Presidium do Soviet Supremo da URSS, como prêmio aos seus serviços à causa da amizade franco-soviética e à causa da paz mundial.



MARCEL CACHIN

Criaram-se Novas Condições e Possibilidades Mais Favoráveis, Para Que o Brasil Realize Uma Política Consequentemente Independente

LUIZ TELES

NO PERÍODO pré-monopolista, sob o domínio da livre concorrência, a ação da lei da concentração da produção e da centralização do capital levou à vitória das grandes empresas, da grande produção. A concentração da produção e a centralização do capital preparou a transição do domínio da livre concorrência ao domínio do monopólio. Como resultado de um processo duplo de fusão mútua, na qual, os capitalistas industriais se tornaram cooperantes dos bancos e, os capitalistas banqueiros se tornaram cooperantes nas indústrias, o capital industrial e o capital bancário se entrelaçaram, se fundiram e deram lugar ao surgimento de um capital qualitativamente novo — o capital financeiro. A base da exploração desenfreada das massas apareceu nas mãos da oligarquia financeira, rentista, parasitária, um capital relativamente excedente que se movimentou em busca do lucro máximo. Surgiu a necessidade da exportação do capital. Se para o capitalismo pré-monopolista, com domínio da livre concorrência, era típica a exportação de mercadorias, para com o domínio dos monopólios, tornou-se típica a exportação do capital.

É nos países atrasados, onde a mão de obra é mais barata e existe falta de capital, que os monopólios encontraram o campo propício para empregar o referido capital excedente. Apareceram os monopólios internacionais que dividiram o mundo economicamente, entre si, para obterem lucros máximos. Surgiu a luta pela divisão territorial do mundo. Formou-se o sistema colonial do imperialismo e a maioria da população do mundo se tornou tributária de uns poucos países capitalistas altamente desenvolvidos. A base da atuação da lei do desenvolvimento desigual de capitalismo modificou-se, mais tarde, a correlação de forças entre os países imperialistas, o que pôs na ordem do dia, a luta por uma nova repartição do mundo, de acordo com a nova correlação de forças que tinha se formado. Nestas condições, de domínio do imperialismo, aguçaram-se as contradições entre o capital e o trabalho nas metrópoles; entre as metrópoles e as colônias, assim como, as contradições interimperialistas. O caminho que os imperialistas encontraram para "atenuar" tais contradições, foi a guerra, e esta desabou sobre a humanidade com todo seu cortejo de dor e sofrimentos para as massas trabalhadoras e para todos os povos.

Desde o surgimento do imperialismo sua trajetória está marcada pelas guerras de rapinas, por uma luta contínua visando deslocar os rivais das fontes de matérias primas, mercados de venda e zonas de influência. É marcada pela luta encarniçada dos diversos países imperialistas pelo domínio do mundo.

NA AMÉRICA LATINA, a luta inter-imperialista pelo seu domínio, trouxe muitos sofrimentos aos povos de muitos países. Em 1934, a luta entre a Standard Oil e a Shell pela posse do petróleo do Chaco conduziu a que os povos do Paraguai e da Bolívia se lançassem à guerra em defesa dos interesses de uma ou outra companhia. Essa luta pelo domínio da América Latina se refletiu, no terreno político, na mudança violenta de muitos governos através de golpes de estado ou militares. Enfim, enganados pelos imperialistas, os povos de uma série de países da América Latina já guerrearam entre si, participaram de guerras civis e de outras lutas para defender não seus próprios interesses, mas os interesses dos monólios estrangeiros.

O resultado da luta pelo domínio da América Latina pendeu, na maioria dos países, favoravelmente para os Estados Unidos. Principalmente no transcurso da segunda guerra mundial os imperialistas norte-americanos aproveitaram-se, de um lado, das dificuldades da Inglaterra, França e de outros países imperialistas, de outro lado, aproveitaram-se da circunstância de que alguns países latino-americanos participaram diretamente ou se solidarizaram com os aliados, na guerra contra o nazi-fascismo, para deslocar do continente seus concorrentes e assegurar um maior domínio para os monopólios americanos. Desde então, sob as bandeiras da "Ajuda aos países atrasados", da "Boa vizinhança", da "Defesa do hemisfério ocidental", do "Pan-americanismo", "Da fatalidade geográfica", que diz ser "inevitável" a situação caudatária da América Latina, em relação aos Estados Unidos, assim como, sob outras bandeiras, os Estados Unidos tentaram e tentam transformar, cada vez mais, os países da América Latina, em fonte de lucros máximos, de matéria-prima e em mercado de venda para seus produtos. Basta dizer que dos 7,5 bilhões de dólares do boletim anual dos imperialistas, nos últimos 10 anos, não menos de 2,5 bilhões de dólares são extraídos dos países do continente latino-americano através da exploração dos trabalhadores, do campesinato e dos povos daqueles países. Esses 2,5 bilhões de dólares, significam um quinto da produção mercantil total de todo o continente. "É um produto — como diz Victor Perlo — que equivale a cada quinta espiga de milho colhida pelos camponeses, a cada quinta peça de fazenda produzida nas fábricas têxteis, a cada quinto quilo de metal extraído da terra". É claro que em face desses dados é difícil imaginar-se que algum imperador romano ou de qualquer outra época histórica tenha obtido tais tributos dos povos conquistados.

Os imperialistas norte-americanos passaram a deter em suas mãos diversos ramos principais da economia de alguns países da América Latina e, apoiados nas forças mais retrógradas desses países, exploram desenfreadamente as massas trabalhadoras. Os países da América Latina, uns mais e outros menos, tornaram-se dependentes do imperialismo norte-americano. Seus povos, hoje, lu-

tam para libertar-se desse jugo. E' nas relações comerciais que se manifesta com peculiar força a dependência da maioria dos países da América Latina aos monopólios ianques, assim como, os prejuízos que disso advêm para toda a economia e os povos desses países. Durante os anos de guerra e no após guerra, os Estados Unidos, através de um sistema de convênios políticos, tratados comerciais, créditos e manobras com as divisas, colocaram, em grande parte, sob seu controle o comércio exterior de uma série de países e minaram os tradicionais vínculos comerciais desses países latino-americanos com a Europa. Transformaram o comércio exterior de muitos desses países em comércio unilateral, complementar da economia dos Estados Unidos e dependente da ação da lei da oferta e da procura naquele país do norte, assim como, das manobras especuladoras dos monopólios ianques. Essa predominância dos americanos no comércio exterior de uma série de países pode ser verificada pelo seguinte:

A participação dos Estados Unidos na importação da América Latina, em 1954, significou 50% e na exportação 44%, nos seguintes países: México, Colômbia, Chile, Cuba, Guatemala, Honduras e Panamá. 45% do comércio exterior de El Salvador, nos últimos anos, se realizou com os Estados Unidos. O mesmo aconteceu com o comércio exterior de Costa Rica e do Equador, no qual os Estados Unidos participaram com 2/3 na importação como na exportação. Nos anos de 1953-54 e 55, o comércio da América Latina com a Europa Ocidental não passou de 25%, enquanto antes da guerra era de cerca de 40%.

No após guerra, os imperialistas americanos a pretexto do "perigo comunista soviético", iniciaram a política de preparação da nova guerra contra a União Soviética, as Democracias Populares da Europa e da Ásia e contra todos os povos que lutam pela independência nacional. Iniciaram a corrida armamentista e começaram a acumular reservas de materiais estratégicos e de comestíveis que arrancavam dos países da América Latina, a baixos preços. Embalado com a iminência de que a guerra era iminente, em 1948 e 1949, o governo de Dutra no Brasil, gastou as divisas de dólares acumuladas nos Estados Unidos, durante o período da guerra, comprando bugigangas, como geladeiras, rádios, automóveis, etc. O mesmo fizeram diversos outros países da América Latina em relação às suas divisas acumuladas. Isso determinou que, fracassando então o conto da guerra iminente, esses países passassem, depois disso, a realizar um comércio cada vez mais deficitário, o que sem dúvida, facilitou aos monopólios ianques conquistar novas posições.

Depois de criarem grandes reservas de matérias-primas e de viveres obtidas a preços baixos, insignificantes mesmo, os Estados Unidos reduziram suas compras na América Latina de maneira brusca e baixaram os preços das mercadorias importadas daqueles países. A meados de 1954, em comparação com 1951, os preços baixaram na seguinte

proporção: chumbo, 27 por cento, lá, 50 por cento, zinco, 42 por cento, algodão, 35%. Só no comércio do café os 11 países produtores perderam, na segunda metade de 1954, mais de 400 milhões de dólares. Aqui vemos, claramente, como através da utilização da tesoura dos preços, acompanhada com a chantagem política da "guerra iminente" os americanos impingiram aos países latino-americanos bugigangas a preços altos, monopolistas, e compraram matéria-prima e viveres a preços baixos também monopolistas. A situação foi tal que os próprios jornais americanos afirmaram então que em 1954 a América Latina recebia pela mesma quantidade de matéria-prima exportada, só 70% de artigos em comparação com 10 anos atrás. Outro exemplo da utilização da tesoura dos preços por parte dos Estados Unidos no comércio exterior, constitui o fato de que "... em 1948 o preço oficial das chapas de aço nos Estados Unidos era, em média, de 3,20 dólares por 100 libras, enquanto o preço de exportação era de 5,58 dólares, em média. O mesmo se passava em relação com outros produtos. Exemplo: a soda cáustica, preço oficial nos Estados Unidos por 100 libras, 2,85 dólares, enquanto que o preço oficial médio de exportação era de 6,27 dólares".

Em consequência dessa exploração inominável dos povos da América Latina, o ritmo de industrialização desses países é relativamente lento, pois entravado por todas as formas, e difícil é a situação das massas trabalhadoras. Devido a isso, cresce o ódio do povo ao opressor imperialista assim como suas lutas pela independência de cada país, por melhores condições de vida e de trabalho.

Apesar desse brutal domínio dos americanos, nos últimos anos toma vulto sempre crescente a afluência de capitais de outros países para a América Latina. Os velhos países imperialistas como a Inglaterra, a Alemanha, a França, o Japão e a Itália, repostos economicamente dos prejuízos da guerra procuram penetrar no "quintal" dos Estados Unidos. Iniciou-se um novo período de acirramento das contradições e da luta entre os monopólios dos diversos países imperialistas pelo domínio dos países da América Latina. De outro lado, avoluma-se a luta dos povos latino-americanos contra o imperialismo. Na maioria dos países do continente cresce a tendência à unidade na luta pela paz, a soberania nacional, as liberdades democráticas e a industrialização de cada país. Sem mencionar a posição da classe operária que nos últimos anos vem intensificando e ampliando suas lutas, diversas são as vozes — inclusive de setores e representantes governamentais — que se alçam protestando contra o roubo das riquezas naturais e a política de avassalamento praticada pelos Estados Unidos. Algumas vezes se levantam pregando a necessidade de que os povos latino-americanos se unam como o fizeram nas lutas contra o jugo espanhol e português — a fim de com esforços comuns alcançarem a completa emancipação econômica e política de seus países. Essa tendência para a unidade ganhou grande força, principalmente, ao influxo do exemplo da Conferência de Bandung. Ao mesmo tempo começam a surgir acordos que visam aumentar o intercâmbio econômico e cultural entre os países da América Latina, como é o caso do acordo concluído a alguns anos — e que agora se prevê renovar — entre a Argentina, o Paraguai e a Bolívia. Países como a Argentina e o Uruguai mantêm e tratam de ampliar suas relações comerciais com a União Soviética e outros países socialistas. Enfim, a América Latina começa a levantar-se para fazer valer seus direitos diante dos imperialistas norte-americanos. Não pode haver dúvida de que a luta e a unidade de nossos povos tende a crescer e de que os imperialistas ianques encontrarão, cada vez mais, dificuldades para realizar seus planos visando a dominação completa dos povos latino-americanos. Seus famigerados planos fracassarão na América Latina, como estão fracassando noutros continentes.

No fim do século passado e princípios do presente acentuou-se a exportação de capitais para o Brasil. A Inglaterra, principal país imperialista então, e que há muito praticamente dominava Portugal e tivera papel significativo para a abertura, por Don

João VI, dos portos do Brasil, passou a predominar em nossa terra. Esse domínio do capital inglês se fez sentir através da construção de estradas de ferro, do controle do comércio exterior, do controle sobre o governo central, dos empréstimos, etc., durante até 1930, quando a luta inter-imperialista visando a dominação do Brasil assumiu extrema agudeza.

A crise de 1929, fez crescer os apetites dos imperialistas pelas riquezas do Brasil e a luta entre eles pela posse dessas riquezas se intensificou. Nesse período, de forma particularmente intensa, acentuou-se a penetração do imperialismo alemão e japonês no Brasil. Com a debacle do café que seguiu ao «crak» da bolsa de New York, em 1929 criou-se no Brasil um clima de efervescência revolucionária. As massas afetadas pela miséria, ainda mais agravada pela crise, iniciaram a movimentar-se procurando saída para sua difícil situação. A revolta das massas se tornou inevitável. Nestas condições e aproveitando-se do fato de não existir ainda um Partido Comunista capaz de dirigir com êxito o movimento popular de revolta das massas — devido a sua fraqueza ideológica, política e orgânica —, os monopólios norte-americanos financiaram o movimento de 30 e, através das forças que se uniram em torno de Getúlio Vargas empolgaram o movimento popular e o dirigiram contra o governo pró-inglês de Washington Luis, estabelecendo no poder o governo de Vargas que permaneceu por 15 anos consecutivos...

Ainda desta vez, porém, os imperialistas ianques não conseguiram deslocar totalmente seu concorrente inglês e estabelecer seu domínio absoluto. Ao contrário, não só o inglês como também os imperialistas alemão e japonês tentam penetrar mais profundamente na economia nacional. Acirra-se a luta entre eles. Sofrendo as consequências da crise de super-produção de 29, as classes dominantes do Brasil procuram novos mercados. Começam a vender mais amplamente algodão e café, para a Alemanha e para o Japão. Os Estados Unidos com sua política de "boa vizinhança" tentam ganhar posições, mas encontram resistência, ainda, de setores das classes dominantes e de elementos ligados a outros imperialistas, principalmente ao inglês.

Em meio à essa luta inter-imperialista pela dominação do Brasil, os americanos começam a levar vantagem. O governo de Vargas manobrava cedendo ora a um ora a outro, apoiando-se em um país imperialista para resistir à pressão de outro, etc. A Alemanha realiza com o Brasil o famoso acordo dos marcos compensados. Ao mesmo tempo o fascismo penetrava em toda parte e passava a influenciar fortemente o aparelho do Estado. Decretada a insurreição da Aliança Nacional Libertadora em 1935, o fascismo em nossa terra cresce e intensifica sua ofensiva contra o movimento operário e democrático em geral. Desenvolve-se o movimento integralista que era um movimento de caráter fascista. A 10 de novembro de 1937 foi dado o golpe de Estado e instaurada a ditadura de Getúlio Vargas conhecida pelo nome de "Estado Novo", acontecimento que foi saudado em Berlim e Roma. O fascismo estava em pleno ascenso no mundo e no Brasil. A ditadura de Vargas pende mais e mais para o lado da Alemanha nazista. Os monopólios alemães diante da insistência crescente das forças antifascistas do país tentam dominar diretamente o governo federal e, a 11 de maio, de 1938, através de um golpe, pretendem apossar-se do palácio do Catete. Essa tentativa dos fascistas para colocar no poder o partido de Plínio Salgado fracassa. No entanto, a quinta coluna continuava viva e atuante e exigia que o Brasil entrasse na guerra ao lado das potências do «Eixo». A ditadura cede à pressão dos monopólios alemães e a 11 de junho de 1940 em um cruzador da esquadra brasileira, em discurso comemorativo da batalha do Riachuelo, o ditador Vargas em nome do governo, política e abertamente, faz a apologia da nova ordem hitlerista, à qual adere. Mas, a luta de nosso povo de um lado e a pressão dos americanos de outro lado que exigiam da ditadura a declaração de guerra às potências do eixo nazi-fascista obrigaram Vargas e seu ministério a mudar de política. Estando no Itamarati (Ministério das Relações Exteriores, o sr. Osvaldo Aranha, de tendência antifascista, realiza-se o primeiro acordo bilateral entre os Estados Unidos e o Brasil.

Esse vai e vem da política da ditadura (CONCLUÍ NA 11ª PÁGINA)

A IV Conferência do C. R. do Rio Do Partido Comunista do Brasil

EM VIRTUDE DA SUA IMPORTÂNCIA, PARA O FORTALECIMENTO DAS LUTAS NACIONALISTAS E DEMOCRÁTICAS, DAMOS ABAIXO UM RESUMO DO INFORME APRESENTADO NO CONCLAVE DOS COMUNISTAS CARIOCAS

O Rio de Janeiro, cidade industrial, com sua indústria de transformação em franco desenvolvimento, é também um grande centro comercial e o segundo contribuinte, depois do Estado de São Paulo, para a receita do orçamento federal.

Como consequência do processo inflacionário, cresce o comércio imobiliário, levando à especulação e ao encarecimento das terras, estimulando a «grilagem» e trazendo a lavoura carioca à decadência em que se encontra. O Distrito Federal, atualmente, contribui com apenas 5 por cento para o seu abastecimento. O comércio de gêneros alimentícios é monopolizado pelo Mercado Municipal e «rua do Acre», uma das razões das constantes altas do custo da vida.

Vivendo sob intervenção federal durante toda a sua existência, com exceção do governo Pedro Ernesto, o melhor que a cidade já teve, o Distrito Federal, Capital da República, tem seus problemas agravados. É uma cidade com 600 mil favelados, grande falta d'água e uma rede de esgotos que serve apenas a um terço de sua população. Sem escolas e hospitais em número suficiente, com um sistema de transportes dos mais deficientes, embora a sua arrecadação atinja, para o ano de 1958 (sem considerar o último aumento de impostos) a cerca de 12 bilhões de cruzeiros. Por tudo isto, compreende-se que a autonomia do Distrito Federal seja uma velha aspiração do povo carioca.

O problema mais sério de penetração imperialista no Distrito Federal é a Light. Detentora do monopólio de serviços públicos fundamentais, como gás, telefone, bondes e principalmente energia elétrica, tendo-se instalado com um capital inicial de trinta milhões de cruzeiros, possui hoje um capital fabuloso, a custa dos aumentos constantes de tarifas e de empréstimos garantidos pelo governo, exporta atualmente mais de um bilhão de cruzeiros por ano e constitui um entrave à livre expansão da indústria nacional.

Apoiada numa vasta máquina de corrupção, colocou homens seus numa série de postos-chave, em todos os ramos do governo. Há mesmo quem afirme que sem a chancela da Light nenhum nome é indicado para Prefeito. A luta contra a Light sempre mereceu nossa atenção, e existe inclusive no Distrito Federal uma consciência popular contra ela.

Durante anos vínhamos agitando a questão da encampação da Light, sem nada de prático termos conseguido. A Light tenta hoje uma manobra, lutando ela mesma pela encampação da Carris, enquanto detém o monopólio de energia elétrica, que lhe dá grandes lucros. Receberia vultosa indenização pelo material que ela explorou ao máximo e que já vem caindo aos pedaços, o qual, de qualquer forma, terá de ser entregue à Municipalidade, sem indenização, até 1965.

Uma das consequências mais sérias da falta de autonomia do Distrito Federal foi sua transformação em fonte de empregos e vantagens, não só pelo governo local, como, ainda, pelo governo central, que atende sempre, a custo do povo, aos pedidos dos políticos de todo o Brasil. Este fato agrava sobremaneira a situação financeira da Cidade, cujos governantes procuram enfrentá-la sempre recorrendo a novos impostos, que, em última instância, são pagos pela massa. É recente o caso da Lei 899, que agravará as condições de vida do povo e será também um empecilho ao desenvolvimento progressista do comércio e da indústria da Cidade.

A moralização da vida política e administrativa, a elaboração de uma política tributária mais justa e adequada, são questões que devemos encarar.

Embora sejamos pela autonomia do Distrito Federal, achamos que o CR do Rio deverá apoiar o governo municipal nas medidas que forem a favor do povo e que facilitem o desenvolvimento da indústria e do comércio locais.

O TRABALHO DE MASSAS E AS TAREFAS DO PARTIDO NA REGIÃO DO RIO

Nosso Partido jamais deixou de se colocar ao lado do proletariado e do povo, procurando orientá-lo e dirigi-lo em busca de êxitos e vitórias. Nos últimos anos, muitas têm sido as frentes de luta de massas em que o Partido na Região do Rio, vem participando, notadamente nas batalhas sindicais, favelas, conjuntos residenciais, associações de melhoramentos, clubes recreativos, no movimento feminino e no juvenil. Mas foi particularmente nas campanhas pela paz e pela independência nacional que o nosso Partido se destacou e ganhou prestígio, tendo sido fator importante para que não fôssemos arrastados à guerra contra o povo coreano, como foi também uma força que elevou a consciência política das massas, contribuindo para o surgimento do atual movimento nacionalista, enfrentando períodos difíceis, quando as correntes progressistas não resistiam, no grau que hoje se verifica, ao imperialismo.

No entanto, camaradas, não podemos afirmar que o nosso Partido, na Região do Rio, seja um Partido ligado organicamente às grandes massas e que hoje tenha condições imediatas de mobilizá-las para as tarefas políticas já amadurecidas, ao nível das necessidades. Verifica-se, entre nós, uma contradição entre o Partido e as massas, constatada no fato de as lutas estarem em nível aquém do exigível, por deficiências de sua vanguarda. Importatíssimos acontecimentos políticos ocorridos no país, particularmente a partir de 24 de agosto de 1954, e os ensinamentos do XX Congresso do PCUS chamaram-nos a atenção para os nossos graves erros políticos no trabalho de massas, erros que nos tornaram incapazes de dirigi-las politicamente.

O 24 de agosto de 1954 foi o primeiro grande impacto com a realidade objetiva que sofremos nos últimos dez anos. Lutando pela imediata derrubada de Getúlio, longe de compreender o processo de crescente resistência ao imperialismo que se de-

envolvia no seio do próprio governo, na prática contribuimos para que se criasse um clima favorável à ação dos golpistas. O Partido na Região do Rio, de acordo com a orientação geral do Projeto de Programa, não se preparou para os acontecimentos, nem esteve altura de alertar o CC.

Desligado das camadas populares, com uma política hostil aos trabalhistas, poderíamos ter caído em absoluto isolamento e sofrido maiores derrotas, não fosse a reação enérgica, não da direção central ou regional, mas, principalmente, de elevado número de militantes de base e de direções intermediárias que, junto à grande massa, nas ruas, a orientaram, denunciaram o imperialismo americano, chegando a conduzi-la à ação contra a Embaixada Americana.

Os acontecimentos de 24 de agosto, no entanto, não alertaram suficientemente nem ao CC, nem ao CR. Arraiados a concepções falsas, à margem da vida política, enfrentamos as eleições de outubro de 1954 como se nada tivesse acontecido. Nenhuma alteração substancial foi feita em nossa tática eleitoral. Ao invés de contribuir para a eleição de patriotas e democratas concorremos para que a Câmara Municipal do DF se, politicamente, uma das piores do país. O Partido isolou-se mais ainda das massas. Negamos ajuda a dezenas de candidatos, patriotas e democratas, que nos pediam pequeno auxílio na votação.

O caminho do apoio à candidatura JJ, no pleito de 1955, também não foi dos mais naturais; e ainda então o CR não se revelou capaz de criticar as tendências eleitorais que se esboçavam. Mas aí, já com maior clareza quanto às ameaças golpistas e quem estava por trás delas, sentindo muito a necessidade de não nos afastarmos da massa, principalmente a trabalhista, acertamos, no fundamental, apoiando JJ. Essa decisão trouxe grandes benefícios ao país, ao movimento nacionalista e ao Partido. Nossas ligações com as massas se ampliaram e contribuimos para a derrota do imperialismo americano no 11 de novembro, o que não tinha sido possível em 24 de agosto.

OS PREJUÍZOS QUE NOS CAUSOU O SUBJETIVISMO

É claro que nessas lutas, com tão sérios erros do Partido, pouco pudemos avançar no sentido da organização política das massas. Organizações, correspondentes a uma determinada orientação, mostraram-se inteiramente incapazes de realizar tal tarefa.

Toda a referida sucessão de acontecimentos mostrou o papel do subjetivismo em nossa vida política e o prejuízo que nos vem causando, particularmente na Região do Rio, onde devemos reconhecer que o Partido não exerce o seu papel de dirigente político junto aos amplos setores da população carioca.

Na Região do Rio, além do desconhecimento da realidade, existe ainda hoje uma falsa concepção, sobre o Partido, de fundo esquerdista e que, aliada a uma teoria da «revolução imediata», trouxe profundos prejuízos à construção do Partido e ao seu papel dirigente. Nossa concepção de Partido foi, durante anos a fio, fundamentalmente a de substituir as massas pela vanguarda, aprofundando o tradicional subjetivismo, desligando-nos do povo e levando-nos a enveredar por uma atuação isolada, em que as massas eram atingidas pela agitação e pela propaganda, relegadas a plano secundário a sua participação nos acontecimentos e a experiência própria de que elas têm necessidade para avançar no caminho da Revolução. O abandono dos sindicatos, até 1952, as diversas campanhas e formas de organização das massas, as organizações de cúpula, para a mobilização do Partido e não das massas, são alguns exemplos da atividade do Partido e confirmam a falsa concepção sobre o Partido até hoje na Região do Rio.

A idéia subjetiva e sectária de revolução às portas, idéia impregnada nos Manifestos de Janeiro e Agosto e ainda no Programa do Partido, exigia de nós a organização imediata da necessária força revolucionária, a qual, sem o amadurecimento político das massas e as imprescindíveis condições objetivas, teria que ser inevitavelmente constituída pelos contingentes do próprio Partido. Fomos por isso levados a uma situação de grupo, determinando campanhas que eram sempre e todas consideradas fundamentais e decisivas, «passos para a revolução imediata», conduzindo ao pronunciamento indiscriminado e obrigatório das frentes de massa em torno de nossas palavras de ordem, contribuindo para nos isolar mais e mais. Com isso caímos em uma grande subestimação do trabalho do dia a dia, paciente, facilitando assim o livre curso ao baluartismo e ao exibicionismo, através de algumas tarefas realizadas somente por membros do Partido. Nossas campanhas e atuação não se guiavam no sentido do amadurecimento e da própria experiência das massas. Em geral, não tínhamos nenhuma preocupação quanto à sua reação às palavras de ordem, se as acompanhavam ou não, e não era em função delas que propúnhamos formas de luta mais altas, mas sim, baseados na capacidade de agitação e propaganda do Partido, como se isto fosse o suficiente para alcançar vitórias políticas. Típico, neste sentido, foi a campanha da anistia, lançada em momento justo, mas desenvolvida não à base da repercussão na massa, na capacidade de mobilizá-la e na efetiva participação popular no movimento, mas fundada principalmente nos esforços dos membros do Partido, em suas aptidões de agitação e na convocação dos mesmos à Câmara Federal. Outro erro consistiu em dar-se à campanha o caráter de «campanha de curto prazo». O resultado foi a derrota, o desânimo nas fileiras do Partido e maior isolamento. A exatidão de uma palavra de ordem não pode ser medida pela sua justeza em princípio ou pela simpatia do povo, mas decorre do fato de esta palavra de ordem poder tornar-se a das próprias massas. Uma coisa é a posição do Partido frente a uma infinidade de problemas, como Partido, outra é colocá-los na ordem do dia e como centro de atividades. As campanhas e manifestações não podem ser fruto das apreciações subjetivas do Partido.

Enveredando por esse caminho, tornava-se uma decorrência natural a subestimação, pelo Partido, de grande número de entidades tradicionais do povo carioca. Numa cidade politicamente agitada, tão cheia de problemas e reivindica-

ções como é o Distrito Federal, nunca demos o devido valor a tais problemas e reivindicações e, como resultado, ficamos à margem da vida política, em relação ao Prefeito. Agora mesmo, diante da aprovação do substitutivo à Mensagem 53 — embora tivéssemos posição justa e apresentássemos soluções para as obras da cidade, e houvésemos iniciado maior aproximação com outras correntes — não fomos absolutamente capazes de coordenar o movimento de massas para pressionar a Câmara, principalmente pela falta de ligações orgânicas permanentes nas fábricas e bairros, pela ausência de entrosamento com as forças econômicas e políticas da cidade e a inexistência do hábito de tornar esses problemas preocupação de todo o Partido na Região. No II Congresso Pró-Autonomia, se bem que constituísse grande vitória política, sentimos, durante sua realização, toda a desatenção pelos problemas locais, nas direções e nas bases do CR do Rio.

Devemos modificar radicalmente as concepções e métodos dominantes. E para tal precisamos empreender nossa reeducação. Estamos acostumados a ver o Partido transformado em força de agitação, em seita, desligado das massas. Isto não pode continuar: urge aprofundar o processo de correção, o que apenas teve início no Partido.

PELA UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA E A ORGANIZAÇÃO DAS MASSAS POPULARES

Preocupados, como sempre estivemos, em colocar em primeiro lugar a unidade e organização da classe operária, demos em 1952, com a Resolução Sindical, um primeiro passo para reificar a falsa posição de abandono dos Sindicatos. Mas foi num processo lento, ainda hoje cheio de erros, que aprofundamos a luta pela unidade da classe operária. Ao lado das grandes vitórias alcançadas nas lutas por melhores salários, nas eleições sindicais e na participação nos grandes acontecimentos políticos, temos sofrido alguns reveses resultantes dos métodos sectários. A unidade sindical ainda não é vista por muitos como questão de princípios, indispensável aos nossos objetivos revolucionários, mas sim como manobra para galgarmos postos de direção nos organismos sindicais. Foi o que ocorreu em alguns sindicatos.

A batalha pela unidade da classe operária coloca à ordem do dia alguns problemas importantes, como a campanha salarial, o movimento pela elevação do salário mínimo e contra a carestia da vida, a revogação do 9070, questões de previdência social e luta nacionalista e democrática.

É possível, nas atuais condições, a unidade de ação entre operários e patrões em grande número de problemas, como as lutas contra a Light e o aumento de impostos, pelo reatamento de relações e a defesa da indústria nacional. Essa unidade, que não pode de forma alguma significar o abandono da luta da classe operária contra a exploração patronal, pode abrir-nos perspectivas na política de frente única.

O movimento do funcionalismo municipal e do federal pelas suas reivindicações e unidade orgânica está passando para a ordem do dia. O CR não pode deixar, nesta Conferência, de fazer auto-crítica de sua abstenção frente a esses problemas. Estamos convencidos de que, no Distrito Federal, sem uma justa política do Partido relativamente ao funcionalismo, parte considerável da população carioca, será muito difícil dirigir as grandes massas.

Existem atualmente, na Capital da República, de 600 a 650 mil favelados que constituem a parte mais pobre da população, a mais abandonada pelas autoridades e ameaçada constantemente pelos grileiros. Suas lutas contra os despejos foram, nos últimos anos, em grande número, e passarão sem dúvida para a história das lutas sociais no Distrito Federal. Dos simples protestos e abaixo-assinados, até à resistência física e à ocupação da Câmara Municipal, os favelados vêm obtendo vitórias memoráveis. O Partido nunca deixou de apoiar e, em alguns casos, de dirigir tais lutas. Isso é um mérito do Partido na Região do Rio. Mas, no esforço pela organização dos favelados, o subjetivismo e o sectarismo dificultaram muito o trabalho. Não partindo do nível das massas, procuramos levar suas associações a pronunciamentos políticos para os quais não estavam em condições. Muitas vezes travamos lutas sem princípio por postos em diretorias. Querendo dogmáticamente igualar as possibilidades de organização em favelas ameaçadas de despejo às daquelas onde o problema não existia, acabamos formando centros só de comunistas, isolando-nos da massa pela imposição da forma de estruturação e de palavras de ordem estranhas. O resultado é que, se em algumas favelas, particularmente nas em que houve lutas, criaram-se organizações de massa, durante a luta contra os despejos etc., em geral, onde o trabalho dependia de paciência, persistência, o nosso trabalho fracassou. Ante o término da lei que proíbe os despejos, nosso Partido deve manter a massa vigilante para que possa melhor defender seus barracos.

POR UM GOVERNO NACIONALISTA E DEMOCRÁTICO

Em qualquer hipótese ou circunstância, o nosso trabalho deve ser o mais amplo possível, sem nenhuma sombra de sectarismo. Urge trabalharmos para a conquista de um governo nacionalista e democrático, e é nesse sentido que deve ser orientada nossa atuação. Sem extensa atividade legal, sem uma profunda e constante ligação com as massas, não atingiremos tal objetivo.

A luta nacionalista nos parece ser, no momento, aquela tarefa em que o Partido deve concentrar seus esforços no sentido da organização política das massas. Dois cuidados devem chamar-nos a atenção. O primeiro é o combate ao sectarismo (não pretendemos ter o monopólio do movimento a fim de colocá-lo a serviço dos nossos desejos). O segundo — procurar, em cada lugar, as formas mais justas de organizá-lo. Se em alguns casos ele pode iniciar-se através da atividade eleitoral, em outros poderá surgir, por exemplo, por meio de um trabalho com a própria direção de uma empresa. Não devemos generalizar esquematicamente os métodos

(Conclui na terceira página)

O POVO CHINÊS MARCHA A PASSO DE GIGANTE

DURANTE os anos do Primeiro Plano Quinquenal a China viveu um período extraordinariamente importante para a vida política, social e econômica do seu povo. Apresentou, na verdade, o espetáculo comovido e surpreendente de um vertiginoso ritmo de progresso relativamente às formas de vida e de produção que por milênios haviam permanecido imutáveis.

O VIII Congresso do Partido Comunista Chinês teve lugar após esse período, que foi cognominado de «maré alta» do socialismo, quando eram evidentes para todos os resultados vitoriosos do primeiro plano quinquenal. Uma justa política exterior havia permitido vencer a agressão norte-americana enquanto era concluída a passagem pacífica ao socialismo de toda a economia chinesa.

Sábria direção política

Os documentos do VIII Congresso, ao balancear tais sucessos, revelam a sabedoria e a seriedade dos comunistas chineses. O tom de modestia neles dominante, os insistentes reclamos de mais estreito contato com as massas, como condição de sucesso das imensas tarefas de construção da nova China, as recomendações quanto ao estilo de trabalho e o modo de vida material e moral dos quadros, revelam que os dirigentes chineses não permi-

tem que os êxitos lhes subam à cabeça e passado o período da «maré alta» dirigem o partido e as massas de modo a enfrentar serenamente o período que se seguiu, inevitavelmente mais complexo e difícil, de consolidação dos sucessos obtidos na coletivização do campo, na indústria e na vida cultural do povo chinês. Os provados dirigentes do Partido Comunista Chinês não esquecem que a razão primeira dos êxitos está na entusiástica adesão das massas populares, não perdem de vista o objetivo imediato, de elevação contínua do

TERMINADO O 1º PLANO QUINQUENAL E INICIADA A FASE DE CONSOLIDAÇÃO — GRANDES PROBLEMAS RESOLVIDOS COM EXITOSO CAMINHO DO SOCIALISMO PARA ULTRAPASSAR A INGLATERRA EM 15 ANOS



Chu-En-Lai, 1.º ministro do governo da República Popular da China

ação de reorganização da vida econômica, social e política do povo chinês.

Os investimentos do Plano

Na construção das bases econômicas para a passagem ao socialismo o plano quinquenal chinês havia estabelecido o objetivo de erguer rapidamente no país um conjunto de grandes empresas, especialmente nos setores das fontes de energia, da indústria metalúrgica, indústria mecânica e indústria química, capazes de formar os alicerces para a ulterior industrialização e de assegurar as necessidades essenciais da defesa nacional.

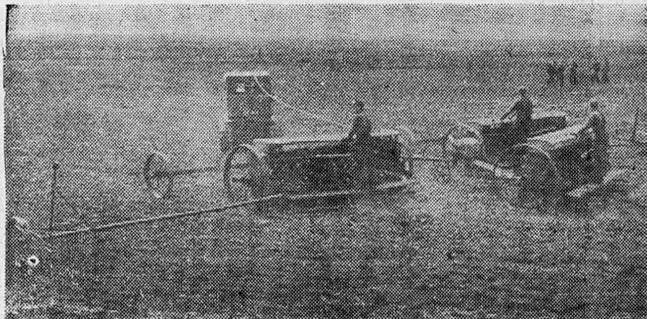
Foi plenamente atingido tal objetivo. Já estão sendo fabricados aviões a jato e artilharia pesada, nas estradas chinesas correm caminhões e ônibus de fabricação nacional, a imensa usina de aço de Ashuan, os navios, as turbinas elétricas, as maquinarias nas elétricas, as maquinarias da indústria têxtil, os tornos automáticos, o material telefônico e eletrônico, são realidades brilhantes do primeiro plano quinquenal. Ele foi completado antes do prazo fixado e exigiu uma enorme tensão de forças e investimentos consideráveis, n'um país que industrialmente se encontrava à retaguarda de muitos países da Ásia, da África e da América do Sul. Malgrado a imensa ajuda técnica e econômica da União Soviética e dos países de democracia popular o que decidiu foi o esforço magnífico do povo chinês, bastando assinalar que 97% da soma total de investimentos provieram da acumulação interna.

Os obstáculos da guerra fria
Que outro país do mundo, além da União Soviética, obteve algo que se pudesse

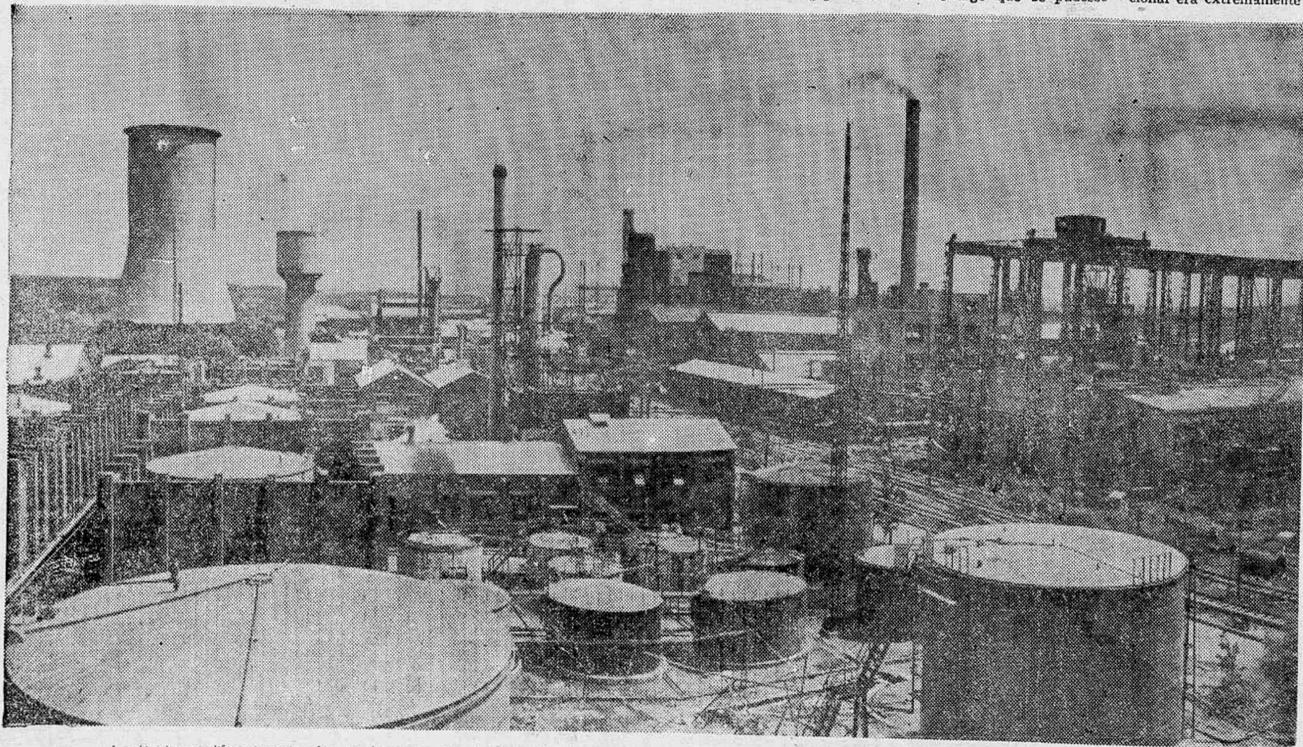
nível de vida dos trabalhadores, assim como não subestimam as dificuldades e obstáculos que surgem a todo o instante no caminho da construção do socialismo.

Os acontecimentos na Hungria e na Polónia levaram a um aprofundamento da ação política do Partido junto aos seus membros e ao povo, ação que encontrou a sua mais completa formulação nos admiráveis documentos, de repercussão internacional, que são o artigo do Je Min-ji Rao, de dezembro de 1956, e o discurso de Mao Tse-Tung de 27 de fevereiro deste ano.

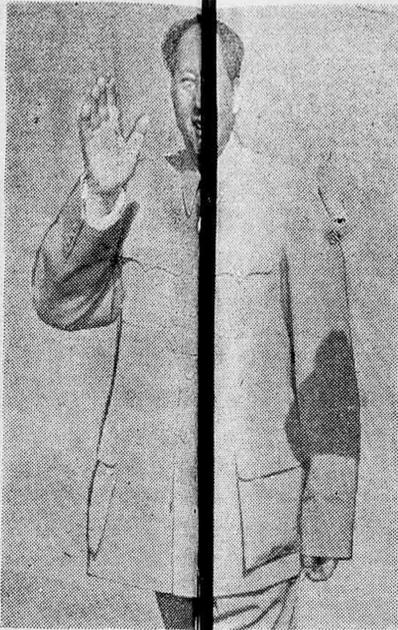
Como impressão geral da vida chinesa no atual período, pode afirmar-se que ele se caracteriza pela consolidação das posições conquistadas pelo socialismo nos anos precedentes, por uma gigantesca



Em cada vez maior o número de máquinas, de todos os tipos, empregadas na agricultura da China, mudando sensivelmente o aspecto dos campos chineses.



A indústria petrolífera toma impulso nas diversas regiões da China, de vez que o seu crescimento irá contribuir decisivamente para o desenvolvimento das demais indústrias.



Mao Tse-Tung, presidente da China Popular

aproximar do gigantesco progresso atingido pelo povo chinês em tão curto espaço de tempo?

E o mais notável é que um tão grande investimento foi obtido sem prejuízo do nível de vida do povo, mas ao contrário melhorando sensivelmente esse nível de vida. E isso n'um país cuja renda nacional era extremamente ba-

OS SUCESSOS — SEIS CONDIÇÕES

terias primas agrícolas (algodão, por exemplo); de outro, as próprias consequências da nacionalização da indústria privada. Esta última significou um imenso fator positivo mas, ao mesmo tempo, para manter o nível certos investimentos econômicos e culturais tiveram que ser elevados a um nível desproporcionalmente elevado.

Ninguém repousa sobre os louros

Hoje ninguém repousa sobre os louros e nem mesmo «toma fôlego». Procede-se antes de tudo, com muita tranquilidade, desenvolvendo-se aqueles ramos industriais que por uma razão ou outra ameaçavam tornar-se estrangulados, aperfeiçoam-se os transportes, reconstituem-se as reservas de matérias primas e de mercadorias diversas, do Estado e das empresas comerciais. Tais reservas, no ano passado, eram ainda diminutas, em consequência não só da elevação dos salários mas também de um aumento demasiado rápido da mão de obra empregada. Ao mesmo tempo, são revistos os programas industriais, a fim de ajudar melhor o desenvolvimento da agricultura.

Não se trata simplesmente de economia ou de redução dos investimentos, embora também eles tenham sido necessários. Fizeram-se confrontos entre os projetos de maslado ambiciosos, das despesas de administração e não diretamente produtivas, de certos «luxos» arquitetônicos ou de fundos esportivos e recreativos que a China não pode ainda permitir-se.

Há um esforço sério para tornar a produção mais econômica, para utilizar melhor os recursos regionais locais, evitar megalomania, levar em conta as enormes quantidades de mão de obra disponível e não levar a mecanização e a automatização a um nível excessivo. Deseja-se favo-



O povo chinês fez da construção socialista, um motivo de festa. O saudável e alegre dessa jovem camponesa vem da certeza de que, fazendo chá, está, também, contribuindo para a grandeza da China

Uma prensa necessária

A prensa necessária do primeiro plano conduziu à concentração dos esforços nos objetivos mais decisivos, a uma tensão muito grande para o fornecimento das matérias primas, da energia, dos transportes. Durante o ano passado, dois outros fenômenos vieram juntar-se e tornar certos problemas ainda mais complexos: de um lado, uma série de calamidades naturais (inundações, secas e tufões), os quais obrigaram o governo a enormes despesas a fim de socorrer os camponeses e fizeram diminuir o afluxo de certas ma-

recer uma descentralização não só organizativa mas também produtiva, que reduza as despesas de transporte e de distribuição; visando uma indústria moderníssima, de modo a utilizar ao máximo as possibilidades de investimentos mais modestos, porém mais rapidamente rentáveis. O artesanato industrial vê-se estimulado de todos os ramos, como importante elemento de reabastecimento do mercado em crescente ampliação e como capaz de absorver grande parte da nova força de trabalho que cada ano é posta à disposição da indústria moderna, ainda não pode empregar.

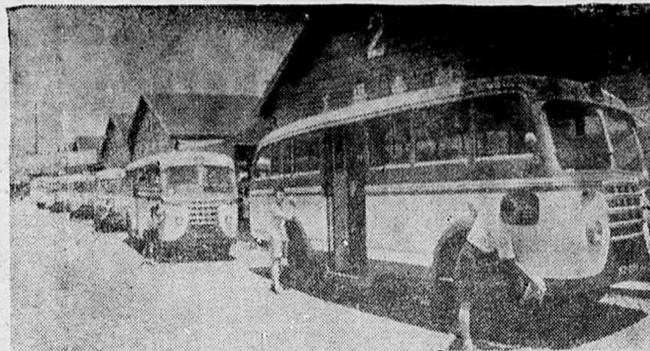
As recentes medidas organizativas para a indústria local e regional, adotadas segundo a linha indicada no ano passado, pelo VIII Congresso, facilitam aquele processo. Não se pode fazer uma analogia mecânica entre tais medidas e aquelas adotadas recentemente pelos soviéticos. Os chineses conservam a direção centralizada da indústria e dos setores de construção decisiva, aliás bem mais limitadas quanto aos fundos investidos do que na URSS indicam porém como hoje, na China, existe a possibilidade de dar maior elasticidade ao sistema econômico e de alentar a tensão do ano passado. E a confirmação do

O PROJETO DO SEGUNDO «PLANO»

O projeto do segundo plano quinquenal chinês não foi ainda definitivamente elaborado, embora os objetivos fundamentais não variem em muito daqueles estabelecidos pelo Congresso, no ano passado. O que não é difícil prever é que o novo plano conduzirá a um enorme desenvolvimento industrial ulterior, mas que todo esforço será feito para harmonizar sempre melhor tal desenvolvimento com o da agricultura e de toda a economia nacional e que a acumulação dos necessários bens de investimento não será feita à custa de uma elevação progressiva, embora inevitavelmente lenta, do nível de vida de todos os trabalhadores.

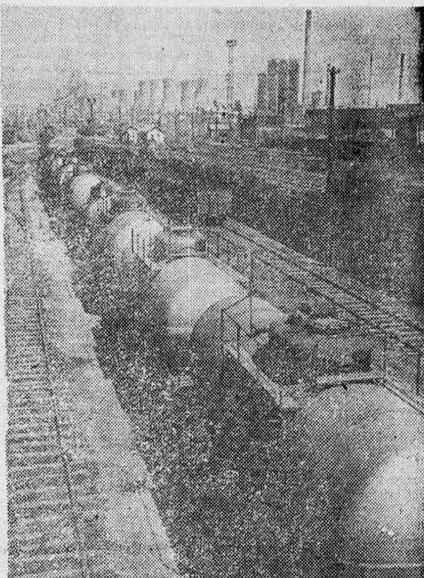
A palavra de ordem, lançada no recente congresso sindical, de alcançar dentro dos próximos 10 a 15 anos a produção global inglesa para a indústria moderna, dá uma idéia da amplitude das perspectivas que se abrem diante do povo chinês.

A indústria moderna da China não é apenas o amanhã, mas já é grande parte do hoje; resta porém o fato de que para 11 milhões de operários industriais existem 500 milhões de camponeses e os problemas do desenvolvimento são imensos. Não é possível abrir uma brecha entre a classe operária e os camponeses, não é possível fazer progredir a agricultura sem um avanço do socialismo no campo, que torne os camponeses pobres e médios, cada vez mais a força dirigente do novo campo coletivizado tais são os dois pontos centrais da política atual do povo chinês.



A China já constrói os seus próprios ônibus, numa prova incontestável de desenvolvimento de um povo

desenvolvimento qualitativo e quantitativo do quadro médio administrativo e econômico e da possibilidade de maior iniciativa e autonomia.

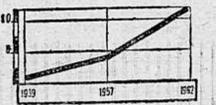


Avança em toda a China a luta pela extração de carvão, como parte do esforço para alcançar e ultrapassar países, capitalistas, mais desenvolvidos

Seis Condições Para Ultrapassar a Inglaterra

A China poderá superar a Inglaterra na produção de aço e de três outros produtos industriais fundamentais dentro em quinze anos, foi o que declarou o vice-primeiro ministro Li Fu-cun no VIII Congresso dos sindicatos da China.

Li Fu-cun precisou que no ano de 1972 a produção chinesa de aço deverá atingir 35 a 40 milhões de toneladas. Será difícil à Inglaterra que em 1956 produziu 21 milhões de toneladas ultrapassar esta cifra em quinze anos a julgar pelos seus limitados recursos de matéria prima



A produção chinesa de aço, em milhões de toneladas, como se desenvolveu de 59 a 57 e como se desenvolverá do 58 a 62.

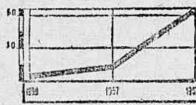
e, pelo seu restrito mercado sem falar na crise econômica e na depressão próprias do sistema capitalista.

No mesmo período a China poderá superar a Inglaterra na produção de carvão, maquinaria, fertilizantes químicos e cimento. O vice-primeiro ministro sublinhou que superar a Inglaterra na produção industrial é um grande, honroso e maravilhoso objetivo para a classe operária e todo o povo chinês.

Li Fu-cun enumerou as seguintes condições internas e internacionais que poderão favorecer a realização desse objetivo.

1) O sistema socialista está solidamente estabelecido política e economicamente na China. Isso abriu o caminho ao pleno desenvolvimento das forças produtivas.

2) A China tem uma grande população que proporciona abundante mão de obra e um vasto mercado interno. O atrazo é



A produção chinesa de maquinaria, por milhões de unidades, como se desenvolveu de 1953 a 1957 e como se desenvolverá segundo os objetivos do plano quinquenal de 1953 a 1967.

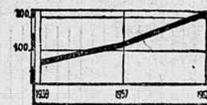
3) A China é rica de reservas de ferro, carvão e muitos metais ferrosos. Dados incompletos indicam que ela possui jazidas de ferro de doze bilhões de toneladas e jazidas de carvão para um trilhão de toneladas. Ela é também um dos primeiros países do mundo em reservas hidro-elétricas.

4) A China conta com a ajuda e o apoio da poderosa União Soviética e dos outros países socialistas.

A sua experiência ajudará a China a impulsionar o seu progresso.

5) A China está em condições de empregar diretamente as últimas conquistas da ciência e da tecnologia, com a ajuda da URSS e dos outros países socialistas.

6) A liderança do temperado Partido Comunista Chinês e do Presidente Mao Tse-tung assegurou uma linha e uma direção concreta para o desenvolvimento das forças produtivas na China e os operários, camponeses e intelectuais estão decididos a levá-lo adiante. Esta é a condição fundamental.



A produção chinesa de carvão, em milhões de toneladas, como se desenvolveu de 59 a 57 e como se desenvolverá do 58 a 62.

SOB A BANDEIRA DO MARXISMO-LENINISMO

Na reunião do ativo do partido de Bucarest e da região de Bucarest, dedicada à discussão da Declaração da Reunião dos representantes dos partidos comunistas e operários dos países socialistas e do Manifesto da Paz, interveio com um informe o primeiro secretário do CC do POR camarada Georgiu Dej. Disse ele em seu informe:

— A comemoração do 40º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, na qual participaram delegações partidárias e governamentais dos países socialistas, representantes dos partidos comunistas e operários, delegações de trabalhadores de quase todos os países do mundo, serviu de motivo para uma poderosa demonstração de solidariedade internacional, de amor e respeito dos trabalhadores para com a União Soviética e o heróico PCUS.

No informe do camarada N. S. Kruschiov na sessão de jubileu do Sóviet Supremo da URSS, fazendo um balanço das grandiosas conquistas do país do socialismo vitorioso, mostrou o enorme crescimento das forças do socialismo em todo o mundo, da perspectiva aberta de desenvolvimento do povo soviético pelo caminho da construção do comunismo, da política de defesa da paz e da liberdade dos povos, consequentemente realizada pela União Soviética.

Os êxitos da União Soviética, as conquistas de todos os países socialistas, o crescimento e fortalecimento do poderoso movimento operário, demonstram a solidez e a supremacia do regime socialista, a justiça e a grande vitalidade das idéias todo-poderosas do marxismo-leninismo.

Na Reunião, — declarou o camarada Georgiu Dej, — os representantes dos partidos comunistas e operários dos países socialistas manifestaram uma unidade de pontos de vista sobre os problemas radicais da teoria e da prática da revolução socialista e da construção socialista.

A declaração aprovada unanimemente, senão um documento de alto valor teórico e prático para todos os partidos comunistas e operários, contém uma profunda análise dos principais fenômenos do desenvolvimento da sociedade em nossa época, baseada na doutrina marxista-leninista.

Ela possibilita o posterior fortalecimento da coesão dos países socialistas, a consolidação da unidade do movimento comunista e operário mundial, dá claras perspectivas às forças que lutam contra o imperialismo, pela democracia e o socialismo. O Manifesto da Paz, aprovado pela Segunda Reunião, expressa a vontade e os interesses de centenas de milhões de pessoas de todo o globo terrestre, dá novas forças e esperanças na luta em defesa da paz — a mais valiosa fortuna da humanidade. (bem da...)

Falando sobre a nova era do desenvolvimento da humanidade aberta pela Grande Revolução Socialista de Outubro, o camarada Georgiu Dej assinala que o conteúdo fundamental de nossa época é a passagem do capitalismo ao socialismo. As grandiosas transformações que se deram em todo o mundo, demonstram a justiça das geniais previsões científicas feitas por Marx e Engels há mais de cem anos atrás.

Analisando a situação no campo socialista, o informante mostra que a União Soviética num curto e histórico prazo colocou muito para trás os mais adiantados países capitalistas da Europa pelo volume absoluto de produção industrial, resolve com êxito a tarefa de alcançar e superar os mais desenvolvidos países capitalistas na produção «per capita». Os êxitos da União Soviética no desenvolvimento da ciência e da técnica, sobre os quais, com admiração fala todo o mundo, conduziram a que, até no campo dos inimigos do socialismo, muitos se dão conta de que a emulação entre os dois sistemas se desenvolve a favor do socialismo e absolutamente não a favor do capitalismo. Chegaram os tempos quando os próprios círculos dirigentes americanos são obrigados, abertamente, a abandonar as jactantes pretensões à supremacia dos EE.UU., e levantar a tarefa de alcançar a União Soviética numa série de ramos de atividades.

Grandes êxitos no desenvolvimento da economia, da ciência e da técnica, da cultura foram conseguidos também pela República Popular da China e por outros países socialistas.

Apresentando numerosos fatos que atestam o fortalecimento do poderio dos países do campo socialista o camarada G. Georgiu Dej fala:

— A vida confirmou que o socialismo é o regime social que oferece um campo ilimitado ao desenvolvimento das forças produtivas e assegura as condições necessárias para o ininterrupto crescimento do bem estar material e cultural dos trabalhadores. Impressionante contraste a isto, é o quadro que reflete a situação no mundo capitalista, onde o saque dos monopólios condena à exploração e à miséria a milhões de trabalhadores.

Passando à análise da situação internacional, o informante assinala que, atualmente, a política internacional caracteriza-se pela luta de duas linhas opostas — da linha da coexistência pacífica consequentemente realizada pela URSS, pela China Popular e por outros países socialistas e a linha de preparação e desencadeamento da guerra que realizam os círculos agressivos dos EE.UU. Agrupando em torno de si as mais negras forças da reação e da guerra de todo o mundo capitalista, estes círculos realizam uma política «das posições de força», ressuscitam o militarismo alemão-ocidental, fazem uma feroz resistência às tentativas de cessar a corrida dos armamentos, instigam e organizam complôs e agressões contra os países socialistas e também contra países que se libertaram da opressão colonial. Almejando a dominação mundial, os círculos agressivos americanos temem a paz. Na louca esperança de deter pela força as armas o inevitável processo histórico do progresso social, eles obstinadamente, seguem a política de preparação da guerra nuclear.

Mas agora, indica o camarada Georgiu Dej, pela primeira vez na história existem forças suficientes para impedir ao desencadeamento de uma nova guerra. O único e poderoso campo dos países socialistas encabeçado pela União Soviética representa o baluarte mais seguro da paz e da segurança dos povos. Ao mesmo tempo, na arena internacional atuam também outras grandes forças colocadas a serviço da paz:

GHEORGIU-DEJ (1º Secretário do Partido Operário da Rumânia.)



os povos que escaparam das cadeias do colonialismo e que lutam pelo fortalecimento de sua independência nacional, e também o movimento libertador dos povos dos países dependentes e coloniais.

Os fatos demonstram, prossegue o camarada Georgiu Dej, que a correlação de forças na arena mundial modificou-se de modo radical a favor da paz e do socialismo. Já passou e jamais voltará aquele tempo quando o imperialismo podia atentar livremente contra a liberdade e a independência dos povos. Mas, se apesar de tudo, as aventuras imperialistas tentarem a desencadear a guerra, então, como com justiça, assinala a Declaração, os povos de todo o mundo cheios de ira contra o imperialismo, que conduziu à pesados sofrimentos e vítimas acabarão para sempre com o regime capitalista.

Os partidos comunistas e operários de todo o mundo, cheios de decisão de fazer todo o possível para defender a humanidade com horrores de uma nova guerra e assegurar seu desenvolvimento pacífico no caminho do progresso, encaram a luta pela paz como uma tarefa de primordial importância.

— Nosso partido, fala o camarada Georgiu Dej, de pleno acordo com a Declaração de Moscou considerava e considera, que o fortalecimento da unidade e da colaboração fraternal entre os países socialistas, entre os partidos comunistas e operários é a condição mais importante do êxito na luta pela paz e o socialismo.

Desmascarando as tentativas da reação internacional de caluniar as relações entre os países socialistas, excitar os resquícios de nacionalismo, para minar a amizade fraternal dos países de democracia popular e da União Soviética, destruir a família dos países socialistas irmãos, o camarada Georgiu Dej assinala que as relações entre os países socialistas são inquebrantáveis. Elas possuem um conteúdo completamente novo na história, e elas não podem existir entre estados de regimes sociais que são baseados na exploração do homem pelo homem. O conteúdo das novas relações socialistas são a colaboração e a ajuda mútua multilateral e de camaradagem na construção do socialismo, defesa e consolidação das conquistas revolucionárias do povo trabalhador. Estas relações, têm em sua base o princípio do internacionalismo proletário, asseguram a independência econômica e política de cada país socialista e do grande sistema mundial do socialismo em seu todo.

A experiência do povo rumeno demonstra que a colaboração entre os países socialistas, a multilateral ajuda fraternal prestada à Rumânia pela União Soviética, em enorme grau, facilita a construção do socialismo, realizada pelo povo rumeno, o qual pôde num curto espaço de tempo conseguir

grandes êxitos no desenvolvimento econômico e sócio-cultural do país. A experiência de todos os povos que constróem o socialismo, demonstra, que a unidade dos países do campo socialista é a garantia de sua independência e soberania. O constante fortalecimento desta unidade responde aos interesses nacionais de cada um desses países. A classe operária, os trabalhadores estão intimamente interessados no posterior desenvolvimento e na consolidação das conquistas revolucionárias dos povos da URSS, da China e de outros países socialistas.

Passando ao problema do desenvolvimento do movimento comunista internacional, o camarada Georgiu Dej fala que o crescimento e o fortalecimento dos partidos comunistas e operários de todo o mundo, as enormes tarefas e a enorme responsabilidade frente a seus povos, como também ao movimento operário internacional, apresentam o problema de novas formas de relações e de colaboração num espírito de camaradagem.

O princípio essencial das relações entre os partidos comunistas e operários é o princípio do internacionalismo proletário. Nesta base desenvolvem-se uma estreita coesão (unidade), a colaboração e a luta conjunta de todos os partidos revolucionários e operários. Os partidos comunistas e operários resolvem as questões de sua linha política guiados pela doutrina marxista-leninista de acordo com as condições concretas de seus países, tendo em conta que os interesses dos trabalhadores de cada país estão indissolúvelmente ligados aos interesses dos trabalhadores de todo o mundo.

Nas reuniões de Moscou, frisou em seguida o camarada Georgiu Dej, de maneira evidente manifestou-se o extraordinário papel da União Soviética — centro do movimento operário internacional, e do PCUS. Juntamente com outros partidos comunistas e operários nós consideramos que o papel da URSS, que está a frente do campo socialista, é o resultado natural do progresso histórico e significa o fator principal da unidade dos países socialistas, da coesão do movimento comunista internacional no interesse da paz e do socialismo.

O fortalecimento da unidade do movimento comunista internacional exige em primeiro lugar a consolidação de sua ideologia e unidade (coesão) na base da doutrina marxista-leninista. É sabido que nos últimos anos, em particular no período da discussão das resoluções do XX Congresso do PCUS, a reação internacional desencadeou uma encarniçada campanha de calúnias contra o PCUS e outros partidos irmãos, visando tergiversar e comprometer a doutrina marxista-leninista. O objetivo desta campanha era introduzir a confusão e a desorientação nas fileiras dos partidos comunistas e operários, minar o regime social e a causa da construção do socialismo nos países de democracia popular, semear a discórdia entre os países socialistas e no movimento comunista e operário internacional, diminuir a força de atração das idéias do socialismo para as amplas massas populares. Nestas condições têm grande importância as teses da Declaração sobre o reforçamento da educação marxista-leninista das massas e da elevação da luta contra a ideologia burguesa.

Detendo-se nas importantíssimas tarefas da luta contra o revisionismo e o dogmatismo, o camarada Georgiu Dej frisa que, como justamente assinala-se na Declaração, na atual etapa o perigo principal contra o qual devem ser dirigidas a atenção e a vigilância do movimento operário internacional é o revisionismo.

Os revisionistas tentam entorpecer a classe operária e os trabalhadores dos países capitalistas com histórias sobre as maravilhas da «democracia» burguesa e sobre a «gradual» transformação do capitalismo em socialismo mediante a colaboração social e a reforma, com a juda do mágico mecanismo do parlamentarismo burguês, sem revolução social e a conquista do poder pela classe operária.

A atividade do grupo traidor de Imre Nadj é nesse sentido particularmente significativa, ela fala claramente sobre como os elementos revisionistas nos países socialistas concentram seus esforços contra os fundamentos do socialismo, estando preparados para entrar em conflito com as mais negras forças da contra-revolução contra o poder estatal da classe operária.

Os revisionistas negam a doutrina marxista-leninista sobre a luta de classes, sobre o seu aguçamento em determinadas circunstâncias do período de transição do capitalismo ao socialismo e sobre o poder popular como forma de ditadura do proletariado. Pregando o liberalismo, a capitulação frente às forças da reação e de suas ideologias, eles de todos os modos esforçam-se em diminuir ou reduzir a nada o papel dirigente do partido, tentam enfraquecer o partido, minar a unidade de suas fileiras, sua capacidade de luta e transformá-lo num «clube de discussão».

O informante assinala que, a criação do revisionismo na Reunião de Moscou deu uma grande contribuição na luta pela pureza da doutrina marxista-leninista.

A experiência dos partidos irmãos dos países socialistas, fala em seguida o camarada Georgiu Dej, mostrou que a luta pela conquista do poder e a construção do socialismo em diferentes países diferencia-se por suas formas, métodos e ritmos correspondentes às particularidades nacionais e às condições histórico-concretas de cada país, mas independentemente das particularidades e do específico de cada país, os processos da revolução socialista e da construção socialista baseiam-se numa série de leis (regularidades) comuns, confirmadas pela experiência do Partido Comunista da União Soviética e dos partidos irmãos de outros países socialistas.

Georgiu Dej assinala em seguida, que o Partido Operário Rumeno e outros partidos irmãos resolvem as questões da construção socialista e superam as dificuldades na luta pelo socialismo porque, em toda a sua atividade apóiam-se na doutrina marxista-leninista.

Falando sobre as formas de passagem do capitalismo ao socialismo, o camarada Georgiu Dej, frisa que a apreciação destas formas, contida na Declaração, tem particular importante significado para o movimento operário internacional. (Conclui napág 11)

Avança a Unidade de Ação No Movimento Sindical Brasileiro

Delineia-se a cada dia que passa, com nitidez cada vez maior, o importante papel que vem assumindo o proletariado brasileiro ultimamente nos acontecimentos políticos do país. Uma prova evidente foi a recente homenagem prestada ao presidente do Pacto de Unidade Intersindical Salvador Romano Lossacco, eleito "Homem do Ano" de 1957, na capital de São Paulo, o principal centro industrial do Brasil.

O ano de 1957 foi um ano de poderoso avanço do movimento sindical brasileiro. Lutas de envergadura, inclusive greves que abrangeram cerca de um milhão de trabalhadores, processaram-se no decorrer daquele período. Movimentos reivindicatórios em defesa não só dos interesses econômicos imediatos, mas de importantes direitos democráticos e constitucionais assinalaram o ano que passou.

E agora, neste início de 58, já se vislumbram novas campanhas de maior vulto ainda, pois deverão movimentar dezenas de categorias profissionais, já em âmbito nacional.

CONFERÊNCIA DE DIRIGENTES SINDICAIS

Um fato novo e bastante significativo foi a Conferência Interstadual de Dirigentes Sindicais, que acaba de realizar-se em São Paulo nos últimos dias 8 e 9 do corrente. Convencidos da necessidade de coordenar os esforços e estabelecer um programa de ação comum, decidiram os principais líderes das grandes organizações de classe do Rio e de São Paulo, marcar um encontro para debater alguns problemas que hoje estão no centro das preocupações de todo o proletariado brasileiro.

Três pontos constam da ordem do dia:

— revogação do decreto 9.070

— revisão dos níveis de salário-mínimo

— Lei Orgânica de Previdência Social.

Durante dois dias, num ambiente de democracia e tranqüez, debateram os dirigentes sindicais do Rio, S. Paulo, Estado do Rio e Ceará, a melhor maneira de dar prosseguimento às campanhas que ora se empenham os trabalhadores, em defesa de suas reivindicações imediatas. Do confronto das várias opiniões resultaram importantes resoluções que contribuirão sem dúvida, para impulsionar este ano o movimento sindical.

A LEI DE PREVIDÊNCIA SOCIAL

No centro dos debates de S. Paulo esteve a nova lei orgânica

CONFERÊNCIA INTERESTADUAL DE DIRIGENTES SINDICAIS, REALIZADA COM ÊXITO EM S. PAULO — SANÇÃO DA LEI ORGÂNICA DA PREVIDÊNCIA SOCIAL E REVOGAÇÃO DO 9.070, ATÉ 1º DE MAIO

ameaças de boicote ao projeto e de novas delongas. Daí a importância da campanha que se dispõem a fazer os trabalhadores, junto aos senadores de seus respectivos Estados, apelando para que não façam demorar ainda mais a aprovação da nova Lei Orgânica e permitam a sua sanção até 1º de maio próximo.

DEFESA DO DIREITO DE GREVE

As lutas operárias de 57 derrubaram na prática o famigerado decreto-lei 9.070, o tristemente famoso «anti-greve». Não foi mais possível aos elementos reacionários e aos patrões aplicarem essa portaria já caduca, para impedir que os operários se utilizassem de uma prerrogativa constitucional, assegurada em todos os países democráticos: o direito de greve.

Mas já no início do novo ano, em fins de janeiro, foi desferido um golpe no movimento sindical brasileiro — deflagrada a greve dos marítimos, decretou o Ministério do Trabalho a intervenção nos três sindicatos grevistas e para lá nomeou juntas governativas, apesar da enorme onda de protestos que se estendeu a todo o país. Invocando o decreto 9.070, já «enterrado» em praça pública inúmeras vezes, tentava-se impedir que o movimento grevista se ampliasse e assim se abrisse um perigoso precedente, com a repressão violenta de uma luta pacífica em torno de um direito elementar — o cumprimento de leis e portarias já aprovadas há longos meses.

Uma das mais importantes resoluções da Conferência Interstadual de dirigentes sindicais trata justamente da luta pela aprovação rápida do projeto que regulamenta o direito de greve e revoga o 9.070. Já desde o ano passado exigem os trabalhadores a aprovação do projeto Aurélio Viana que assegura, no fundamental, o direito de greve e anula as principais restrições que poderiam ser antepostas a seu livre exercício.

A revogação do 9.070 até 1º de maio próximo constitui agora, ao lado da luta pela aprovação da nova lei orgânica de previdência social, um objetivo imediato a ser alcançado.

NOVOS NÍVEIS DE SALÁRIO MÍNIMO

O ano de 1958 apresenta-se como um ano de novo ascenso nas lutas por novos níveis de salário-mínimo, em todo o país e por melhorias salariais, capazes de anular os efeitos da elevação do custo de vida. Já se iniciaram em muitos sindicatos os estudos e os debates em torno da questão. E alguns deles já se pronunciaram inclusive pela imprensa.

Constituindo um dos pontos do trabalho da conferência de dirigentes operários, foi uma questão intensamente debatida. O salário-mínimo constitui uma importante

conquista do trabalhador, porque lhes assegura uma remuneração mínima que o empregador é obrigado a pagar, por força delei. Trata-se portanto de manter essa conquista e ampliá-la, procedendo à revisão sistemática desses níveis salariais mínimos e acrescentando-lhe outras melhorias — salário móvel, salário profissional, salário família, etc.

Uma destas resoluções conclui pela necessidade da elevação dos atuais níveis de salário-mínimo, precedida de uma ampla campanha de esclarecimento e arregimentação; o estabelecimento de níveis mínimos de salário familiar em bases honestamente pesquisadas e propostas por todos os sindicatos, federações e confederações, em todo o país e em cada região.

Pleiteiam os trabalhadores a instituição do salário móvel — questão que serviu de tema a debates no decorrer do ano passado, em numerosas organizações sindicais. Existe já um projeto elaborado pela CNTI, que servirá agora de base à realização de debates, conferências e reuniões — assim será conhecida a opinião dos trabalhadores e de suas organizações.

A revisão dos níveis de salário-mínimo é uma questão que deverá ser cuidadosamente estudada, antes que se proponham quaisquer bases para a sua majoração. A conferência recomendou a cada entidade sindical que estude com seus associados quais as necessidades de cada trabalhador e de sua família. Somente depois desse debate amplo e dos estudos indispensáveis, será possível apresentar às Comissões de Salários as sugestões de novos níveis.

Agora, o importante, é ouvir a opinião dos trabalhadores e proceder à eleição das Comissões, conduzindo para elas elementos honestos e de confiança, capazes de defender os interesses de seus companheiros.

SURGE A IDÉIA DE UM CONGRESSO NACIONAL

A Conferência intersindical de São Paulo significou um avanço no caminho da unidade de ação entre alguns importantes Estados — Rio, Estado do Rio e São Paulo. Foi possível estabelecer um programa de ação comum, em torno das questões centrais que enfrenta hoje o movimento sindical brasileiro.

Um mês depois de sua realização, nos dias 8 e 9 de março, deverão reunir-se novamente, desta vez no Rio, os mesmos dirigentes sindicais. Espera-se contar com a presença de representantes de novos Estados, particularmente Minas e Rio Grande do Sul. Um balanço do trabalho que deverá ser realizado nesse intervalo permitirá concluir pelas novas medidas a serem tomadas.

O encontro de São Paulo

revelou ainda, por outro lado, que já existe hoje uma compreensão mais generalizada da importância decisiva da coordenação das forças sindicais de todo o país, em torno de lutas comuns. Surgiu assim a idéia de um encontro em escala nacional, através da realização de uma Conferência ou Congresso, ainda este ano. Esse conclave nacional seria como o coroamento dos inúmeros congressos que já se realizaram no ano que passou, das mais importantes categorias profissionais e em cujos trabalhos estavam justamente as mesmas questões que servem hoje de ponto de união a todos os trabalhadores.

A realização de um Congresso Nacional abriria caminho, além disso, para uma futura unidade orgânica dos trabalhadores brasileiros, pondo fim às dissensões e à desunião que ainda hoje entra em grão considerável o avanço do movimento operário.

II CONGRESSO DA CAPFESP

Nos últimos dias de janeiro, realizou-se em São Paulo o II Congresso Nacional de Previdência Social dos Segurados da CAPFESP. Ali compareceram mais de cem delegados, de quase todos os Estados do Brasil e, durante três dias de trabalho intenso, adotaram algumas deliberações de maior importância. MELHORAR OS SERVIÇOS DAS CAIXAS

Estão vinculados à CAPFESP sindicatos, associações, federações e confederações, que reúnem algumas centenas de milhares de trabalhadores, das mais diversas profissões. Seus representantes participaram do II Congresso e ali foram debatidas mais de cem teses que tratavam dos problemas que afligem os segurados.

Dentre as teses finalmente aprovadas pelos congressistas, destacaram-se as seguintes: aposentadoria aos 25 anos para a mulher que trabalha em serviço penoso; pensão para as filhas maiores de 21 anos; pagamento integral aos acidentados; cons-

trução de casas; aumento das aposentadorias e pensões, sempre que houver aumento para os segurados em atividade.

MOÇÓBOS E MENSAGENS

APROVADAS

Indúmeras moções foram propostas e aprovadas ao II Congresso da CAPFESP. De solidariedade aos têxteis grevistas de Recife, que estão sendo vítimas de violências e arbitrariedades; mensagem ao presidente da República, em favor da manutenção de relações amistosas com todos os países e várias outras.

Diversos delegados manifestaram-se contra a existência do decreto 9.070, proclamando o companheirismo a uma campanha intensiva por sua imediata revogação e pela garantia do direito de greve.

Finalmente, encerrando a reunião, foi eleita a Comissão Executiva que deverá lutar em caráter permanente pelas resoluções aprovadas. Quanto ao novo encontro, o III Congresso da CAPFESP, deverá ser realizado em 1958.



Líderes e dirigentes sindicais quando em assembleia decidiam iniciar a luta pelo novo salário-mínimo e a previdência social

EM TODAS AS LIVRARIAS

Um livro publicado em 1893 e ainda da mais candente atualidade

A ILUSÃO AMERICANA

de EDUARDO PRADO

Um estudo da política internacional dos Estados Unidos, em função das forças em expansão de sua economia.

EDITORA BRASILENSE LTDA.

R. São José, 90 — Sala 2002 — Rio de Janeiro
R. Barão de Itapetininga, 93 — São Paulo

A BATALHA da DIFUSÃO

Não há nenhuma alteração importante, no quadro da distribuição da VOZ OPERÁRIA. Mas continua e aumenta a difusão, em consequência do restabelecimento e da criação de agências, principalmente em S. Paulo, e de assinaturas no Estado de Goiás. Hoje consignamos, com alegria o restabelecimento da agência de Belém — Pará.

...:~::~
Ao reiniciarmos as remessas da VOZ OPERÁRIA para nossa agência de Belém, é justo reconhecer que a decisão tomada refletiu a preocupação indistigável de difundir o nosso jornal. Tardou a decisão, mas ela veio contribuir para restabelecer a normalidade da circulação de VOZ OPERÁRIA, no Estado do Pará.

...:~::~
No entanto, é de nosso dever reafirmar pontos fundamentais de orientação da Gerência da nossa empresa. Foi estabelecido, e nós cumprimos com a decisão exigir absoluta regularidade nos compromissos financeiros entre as agências da VOZ OPERÁRIA e a Matriz. Não temos disponibilidade, nem poderemos fugir ao rigor de uma economia programada para atender as nossas necessidades mais imperiosas. Deixar de retirar das agências das companhias aéreas ou rodoviárias, as quantidades de jornais, e forçar a empresa editora da VOZ OPERÁRIA a perturbar o seu orçamento financeiro, cria-

do-lhe dificuldade de solução.

Em várias oportunidades, através dessa seção, advertimos aos nossos agentes, expondo-lhes a situação econômica da empresa editora da VOZ OPERÁRIA, informando-os das medidas que somos forçados a tomar, sem nenhuma discriminação. Se o agente não paga e além disso não

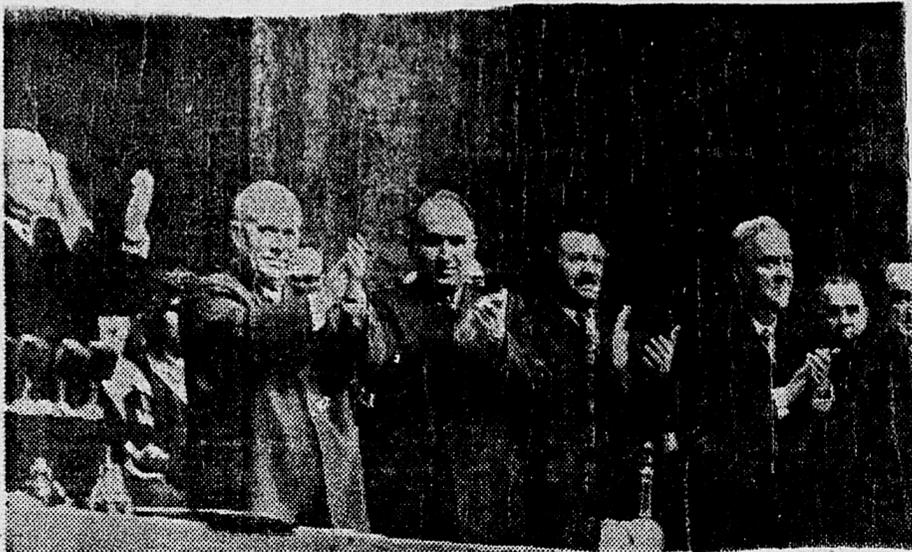
mantém nenhum contacto com a Matriz, justifica-se a interrupção das remessas, até serem regularizadas as nossas relações. Só assim conseguimos atravessar um período de carência de numerário e manter circulando o nosso querido jornal.

...:~::~
FATURAMENTO DE JANET-

RO: Está terminado o faturamento de janeiro e expedidas as faturas, que devem ser pagas, até o fim do mês, a fim de evitar uma possível interrupção das remessas.

RESTABELECIMENTO DE AGÊNCIA: Belém (Pará)
REDUÇÃO DE QUANTIDADE: Uberaba menos 33 por cento
PAGAMENTOS DE 5.2 A 12.258: Curitiba (2), São Paulo, Londrina, João Pessoa, São Luiz, Fortaleza (MBF), Itauçu, S. J. Nenemucero, Diamantina, Curitiba, Taubaté, C. Itapemirim, Cruzeiro Itulubata, Santos, Uberlândia, Morrinhos (Goiás), Campina Grande, Campos.

CONFERÊNCIA AGRÍCOLA NA URSS



Realizou-se em janeiro próximo passado, na capital soviética, uma Conferência dos trabalhadores na agricultura, da região de Moscou. Na foto, membros do governo e do Partido Comunista, quando aplaudiam os delegados à Conferência

CRIARAM-SE NOVAS...

(CONCLUSÃO DA 4ª PÁG.)

de Vargas entre um e outro país imperialista, teve sua causa nas lutas de nosso povo contra o fascismo e pela democracia, na luta inter-imperialista pelo domínio do país e no equilíbrio de forças entre a Alemanha, os Estados Unidos e a Inglaterra, que foi estabelecido em nossa terra na véspera da segunda guerra mundial. E' o que demonstram os seguintes dados:

EM 1939:

Inversões: a — A Inglaterra ocupava o primeiro lugar com 1.158 milhões de dólares investidos no Brasil;
b — Os Estados Unidos ocupavam o segundo lugar com 496 milhões de dólares investidos;
c — A França e a Alemanha, ocupavam o terceiro lugar com 40 milhões, cada uma, investidos no Brasil.

Quanto ao comércio exterior era a seguinte a colocação dos diversos países imperialistas:

Importação: a — A Alemanha ocupava o primeiro lugar com 25% do total;
b — Os Estados Unidos ocupavam o segundo lugar com 24% do total;
c — A Inglaterra ocupava o terceiro lugar com 10% do total da importação de nosso país.

Exportação: a — Os Estados Unidos ocupavam o primeiro lugar com 34% do total;
b — A Alemanha ocupava o segundo lugar com 19% do total;
c — A Inglaterra ocupava o terceiro lugar com 9% do total.

Examinando os dados apresentados, verificamos que na véspera da segunda guerra mundial existia certo equilíbrio entre um e outro imperialismo e que nem a Inglaterra, a Alemanha ou os Estados Unidos conseguiram então o domínio absoluto em nosso país. Esses dados, também dão uma idéia da brusca agudização da luta inter-imperialista pelo domínio do Brasil nos anos que precederam a segunda guerra mundial, luta esta que se refletiu não só na economia do país como também na política das classes dominantes e no agravamento da situação das massas. E' verdade que a Inglaterra fora afastada do primeiro lugar no comércio exterior e que a luta era mais enconada entre a Alemanha e os Estados Unidos, mas, também é verdade que em relação às inversões de capital a Inglaterra continuava ocupando o primeiro lugar, com um volume de capital investido superior ao da Alemanha, França e Estados Unidos em conjunto.

No curso da guerra, os Estados Unidos aproveitaram-se de condições favoráveis — como a circunstância de ter o Brasil ficado desligado dos países da Europa e de ter par-

ticipado da guerra contra o nazi-fascismo ao lado dos aliados — para vencer seus concorrentes no Brasil. As tropas americanas ocuparam parte de nosso território; as empresas dos súditos do eixo foram postas sob o controle do governo e, a Inglaterra, então, nada podia fazer para defender suas posições no Brasil, pois ficou numa situação difícil diante dos raides da aviação nazista e do perigo de ter seu território invadido. Nestas condições, os imperialistas dos Estados Unidos impuseram ao nosso povo os lesivos «Acordos de Washington» que abriram as portas do Brasil aos americanos e lhes permitiram conquistar grande predomínio em diversos setores fundamentais da economia do país e influenciar maléficamente a política do governo. As investidas do governo Dutra contra o movimento democrático no Brasil e as concessões que fez aos americanos facilitaram a estes reforçar ainda mais suas posições após o término da guerra. A situação em 1950 nos dava o seguinte quadro:

Inversões de Capitais Estrangeiros no Brasil: (inversões diretas)

a — Os Estados Unidos ocupavam o primeiro lugar com 600 milhões de dólares investidos, ou seja 46% do total;
b — O Canada ocupava o segundo lugar, com 221 milhões de dólares investidos, ou seja 25% do total;
c — A Inglaterra ocupava o terceiro lugar com 221 milhões de dólares investidos, ou seja 17% do total;

d — Outros países tinham 154 milhões de dólares investidos, ou seja, 12% do total.

Portanto em 1950 a luta inter-imperialista se decidia favoravelmente aos Estados Unidos que passaram a predominar sobre os demais imperialistas. Isso fica mais evidente quando sabemos que parte dos investimentos canadenses, em nosso país, carregam o selo americano, como é o caso da «Light and Power». Cabe dizer que já em 1952 — segundo dados fornecidos pelo «Departamento of Commerce», sem inclusão do grupo Light — os investimentos americanos existentes no Brasil atingiam a soma de 1.013 milhões de dólares. O volume do capital investido nas 184 principais empresas americanas que operavam no Brasil em 1953, calculado pelo patrimônio líquido (capital inicial mais os lucros reinvestidos), era igual a 27,8 bilhões de cruzeiros. Considerando todas as empresas norte-americanas existentes no país o capital investido chegava a 30,5 bilhões de cruzeiros. Se convertemos essa quantidade em cruzeiros de 1953 em dólares, teremos que os investimentos diretos americanos alcançavam no fim desse ano a 1.630 milhões de dólares, dos quais 437 milhões correspondiam à empresa «Light and Power». (Conclui no próximo número)

SOB A BANDEIRA...

nacional porque a burguesia se esforça em semear e manter na classe operária do Ocidente as ilusões formalistas, e, em particular a ilusão de que a passagem para o socialismo se desenvolverá em quaisquer condições sómente pelo caminho pacífico.

A experiência de nosso partido e de outros partidos irmãos confirma plenamente a verdade do marxismo-leninismo de que a passagem do capitalismo ao socialismo, independentemente de que ela se realize pacificamente ou não pacificamente pode ter lugar somente na base da conquista do poder pela classe operária em aliança com o campesinato trabalhador e outras camadas da população. A vitória na luta de libertação do povo trabalhador condiciona-se pela direção das massas de trabalhadores pela classe operária, encabeçada pelo seu partido marxista-leninista, pela realização da ditadura do proletariado nesta ou naquela forma, que se determina pelas condições concretas.

O camarada Georgy Dej assinalou que todo o Partido Operário Rumeno e as amplas massas de trabalhadores receberam a Declaração e o Manifesto da Paz com grande afeto e aprovação, acreditando firmemente nas amplas perspectivas de desenvolvimento das forças da paz e do socialismo.

— O intercâmbio de opiniões e os documentos das Reuniões, disse ele, confirmaram a justeza da linha geral de nosso partido nas questões do fortalecimento do regime democrático-popular, da construção econômica socialista e da cultura, do fortalecimento do partido e da unidade de suas fileiras, da coesão dos países socialistas, da unidade de ação do movimento comunista internacional, como também a justeza da política de nosso partido nas relações internacionais.

Depois o camarada Georgy Dej deteve-se nas tarefas de estudo, elucidação e aplicação à vista das teses da Declaração e do Manifesto da Paz, no trabalho prático, na luta pelo cumprimento das decisões do II Congresso e dos plenos do CC e do POR.

Referindo-se às questões de política externa, o camarada Georgy Dej mostra que a República Popular da Romênia está nas posições de desenvolvimento das relações de amizade e colaboração com todos os países na base dos princípios da coexistência pacífica.

— O povo rumeno, diz ele, saudou as propostas do governo da URSS, dirigidas ao nosso governo e aos governos de todos os países membros da ONU, como uma nova e importante contribuição para o alívio da tensão internacional e o fortalecimento da paz entre os povos.

Sob a bandeira das imortais idéias de Marx — Engels, — Lênin, disse em conclusão o camarada Georgy Dej, a classe operária, criando há 40 anos atrás o primeiro estado socialista, conquistou uma vitória histórica universal. Sob esta bandeira levantada pelos heróicos partidos comunistas e operários foi criado o sistema mundial do socialismo que constantemente se fortalece, e o movimento operário tornou-se uma poderosa força do progresso social. Fiel à invencível doutrina marxista-leninista, incessantemente fortalecendo a unidade fraternal dos partidos comunistas e operários, nosso partido, forjado na luta, ilimitadamente dedicado aos interesses dos trabalhadores, também no futuro, com toda a decisão, conduzirá o povo rumeno pelo caminho da construção do socialismo e da defesa da paz.

Solidariedade dos Ferroviários da «Leopoldina»

PETRÓPOLIS (Do Correspondente) — Encontra-se internado no Hospital Santa Tereza, nesta cidade, o ex-vereador Pedro Lopes Neves, velho ferroviário da «Leopoldina».

Pedro Lopes Neves foi dentro da empresa ferroviária em que trabalha, um incansável lutador pelas reivindicações da sua classe. Na Câmara Municipal de Petrópolis, ele — respondeu sempre à confiança daqueles que para lá o enviaram — ferroviários e povo desta cidade, defendendo com coragem os ideais nacionalistas e as reivindicações do povo e da classe operária.

Agora mesmo, quando Pedro Lopes se acha operado num hospital, os ferroviários da «Leopoldina», num amplo movimento de solidariedade se cotizaram e lhe entregaram a importância de Cr\$ 13.800,00 para ajudá-lo no tratamento da sua saúde.

VOZ OPERÁRIA

Diretor **Mário Alves**

MATRIZ: Av. Rio Branco, 257, 17.º and. s/ 1.712 - Tel.: 42-7344

ASSINATURAS:
Anual 150,00
Semestral 80,00
Trimestral 60,00
Núm. avulso 3,00
Núm. atrasado 5,00

Aérea ou sob registro, despesas à parte.

SUCURSAL Voluntários da Pátria, nº PORTO ALEGRE — Rua 66, nº 43.

Imensas Possibilidades Para o Nordeste Nas Relações Com os Países Socialistas

A Assembléa Legislativa de Pernambuco aprovou, por unanimidade, o relatório apresentado pela Missão Econômico-Parlamentar daquele estado e da Paraíba, que realizou uma viagem oficial de três meses a diversos países europeus. A missão esteve na França, Itália, Tchecoslováquia, União Soviética, Holanda, Alemanha, Suécia, Bélgica, Inglaterra e Dinamarca.

A Missão Econômico-Parlamentar de Pernambuco e da Paraíba, composta por 16 deputados pernambucanos, 4 paraibanos e 7 assessores técnicos teve, por objetivo a realização de entendimentos com representantes da indústria e do comércio daqueles países, tendo em vista o estudo das possibilidades consumidoras daqueles mercados para os produtos nordestinos, e verificar em que medida os mesmos poderiam contribuir para apressar o desenvolvimento industrial dos estados do nordeste brasileiro. Em particular, a Missão tinha em mira observar os aspectos culturais dos países socialistas principalmente da União Soviética.

BONS MERCADOS PARA OS PRODUTOS BRASILEIROS

Concluiu a Missão em seus estudos, que aqueles países europeus podem se constituir em ótimos mercados consumidores dos produtos brasileiros inclusive dos chamados gravosos que interessam de perto à economia nordestina. A super-produção de cebolas, de agave, de abacaxi, de açúcar, de tecidos, de metais não metálicos, de algodão e de outros tantos produtos que disputam preços vis ao mercado exterior — diz a missão em seu relatório, — para muitos industriais e comerciantes europeus constitui uma surpresa ou antes uma propaganda pouco verdadeira.

Assim é que comerciantes hamburgueses se comprometeram a adquirir toda a produção de cebola de Pernambuco, a partir do próximo mês de março, e os holandeses declararam estar em con-

dições de colocar na Europa toda a produção nordestina de agave. Homens de negócios da Inglaterra mostram-se desejosos de importar grandes quantidades de açúcar e de tecidos de algodão cru.

Em seus entendimentos com autoridades tchecas, os membros da Missão sentiram o grande interesse que tem aquele país de ampliar as suas compras de produtos brasileiros, enquanto na União Soviética autoridades do Ministério de Importação e Exportação disseram que o seu país poderia adquirir grandes quantidades de produtos brasileiros, como café, cacáu, couros e muitos outros. Diz a Missão em seu relatório, que os soviéticos não perdem oportunidade para reiterar os seus desejos de manter as mais amistosas relações com o Brasil.

POLÍTICA COMERCIAL MAL ORIENTADA

Em seus contatos com in-

Aprovado pela Assembléa Legislativa de Pernambuco o relatório da Missão Econômico-Parlamentar a diversos países europeus — Bons mercados para os produtos do nordeste nos países visitados — As conversações na URSS e as vantagens das relações normais com os países socialistas



Pernambuco, grande produtor de cana de açúcar, enfrenta anualmente dificuldades para colocação do seu produto. Este problema pode ser resolvido com as relações do Brasil com os países socialistas.

dustriais e comerciantes europeus, a Missão Econômico-Parlamentar nordestina sentiu que, se o nosso comércio com aqueles países não se desenvolve de maneira satisfatória, deve-se a uma política comercial mal orientada, posta em prática pelo governo brasileiro. Os comerciantes e industriais europeus desejam

negociar conosco, e o podem fazer em grande escala, porém na base da troca de mercadorias e não com pagamentos em dólares. Todos aqueles países sentem falta de moedas fortes.

Essa situação, diz o relatório, é mais sentida nos países socialistas, onde as nossas mercadorias, exportadas por intermediários estrangeiros, chegam a preços astronômicos e depois de atravessar toda sorte de obstáculos. Daí, o nosso café, o cacáu, o algodão e agave chegarem à Tchecoslováquia, à Alemanha Oriental ou à União Soviética por preços inacreditáveis. Atualmente, uma pequena xícara de café custa na União Soviética, 25 cruzeiros.

Colocando-se em bases novas a política comercial brasileira, com relação aos países europeus, e permitindo-se as trocas diretas de produtos, sem a exigência do pagamento em dólares ou outra moeda forte, seriam inesgotáveis as possibilidades daqueles mercados para consumir os produtos brasileiros de exportação, inclusive os nordestinos chamados gravosos e que hoje não encontram colocação, e cuja estocagem põe em peri-

go a estabilidade da economia daquela região.

POSSIBILIDADES DE FINANCIAMENTOS E INVESTIMENTOS

Desapontou profundamente a todos os membros da Missão, verificar que os homens de negócios da Europa desconheciam tudo que diz respeito ao nordeste brasileiro: sua abundância de energia elétrica, a capacidade de absorção de seu mercado consumidor, sua produção de matérias primas e o atual estágio de seu desenvolvimento.

Inteirados da realidade econômica daquela região, de suas possibilidades e das facilidades concedidas por leis federais e estaduais à sua industrialização, os homens de negócios europeus mostram-se bastante interessados na realização de investimentos em Pernambuco e na Paraíba. Poderoso grupo econômico holandês aventou a possibilidade da instalação em Pernambuco de uma grande e moderna usina de açúcar, com capacidade para produzir, inicialmente, um milhão de sacos, e uma empresa para industrialização do agave e fabricação de subprodutos, na Paraíba, com capacidade para consumir 30 mil toneladas de

sisal (um terço da produção daquele estado), empregando mais de 2 mil operários. Industriais alemães, suecos e ingleses também fizeram propostas concretas para o estabelecimento naqueles estados de importantes indústrias, como destiladora de cebola, industrialização do melão da cana de açúcar, industrialização do lixo, etc.

Autoridades soviéticas revelaram aos membros da Missão que o seu país poderia fornecer tudo de que o Brasil necessita, em bases concretas de financiamento, que poderia ir de 5 a 50 anos. Uma autoridade soviética, diz o relatório, chamou-nos a atenção para os investimentos e financiamentos que o seu país tem feito na Índia, Egito, Abissínia e Sudão, que abrangem desde enormes instalações de hidroelétricas, siderurgias, fábricas de auto-motrizes, refinarias de petróleo, sondas de perfuração, construção de canais, centrais telefônicas, laboratórios atômicos para fins pacíficos eclusas, indústrias pesadas outras, até pequenas estações geradoras de eletricidade de aproveitamento de energia solar e das marés. Declarou ainda que a União Soviética tem condições de, na base de trocas, consumir boa parte da produção brasileira de produtos considerados gravosos para a concorrência no Mundo Ocidental.

Da mesma forma os tchecos, que se revelaram conhecedores das condições da economia nordestina e das leis que concedem facilidades a sua industrialização, mostraram-se interessados em iniciar negociações com industriais e comerciantes daquela região, afirmando estarem dispostos a fornecer equipamentos e máquinas dos mais diversos tipos, na base de financiamento.

SENTIMENTO DE PAZ DO POVO SOVIÉTICO

Durante os 15 dias em que permaneceram na União Soviética, visitando Moscou, Geórgia e Leningrado, os membros da Missão Econômico-Parlamentar nordestina puderam sentir o profundo sentimento pacifista do povo daquele país. «Em todos os contatos e manifestações, diz o relatório, as autoridades e o povo soviético nos faziam sentir os seus desejos de paz e amizade com todas as nações do mundo».

RELAÇÕES COM OS PAÍSES SOCIALISTAS

Concluindo o seu relatório, a Missão apresenta como sua gestão, aos governos estadual e federal, uma série de medidas que devem ser postas em prática, porque assim exigem os interesses da economia brasileira, em particular da economia dos estados nordestinos. Entre estas encontra-se a que recomenda o imediato restabelecimento de relações comerciais e diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética, a China Popular e demais vastos mercados consumidores dos países socialistas, que consti-

O POVO DE SANTOS HOMENAGEIA ANITA LEOCADIA PRESTES

JURANDIR DE ABREU

Na Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio, foi prestada uma homenagem a Anita Leocádia Prestes que regressou ao Brasil. Cerca de 3 mil pessoas ali se acotovelaram na ânsia de conhecer a filha de Luiz Carlos Prestes, nascida num campo de concentração da Alemanha nazista. Ali estavam dozeiros, estivadores, ensacadores de café, trabalhadores da construção civil e camponeses, homens de mãos rudes e calejadas que labutam no porto e nos altos dos edifícios em construção. Ali estavam funcionários públicos, comerciários, homens de profissão liberal, intelectuais, advogados, vereadores e líderes sindicais. Ali estavam em grande número as mulheres acompanhadas de seus filhos e a juventude dava um colorido à grande festa do povo. Muito antes da hora marcada, já o povo superlotava o grande salão.

Todos queriam ver e conhecer Anita e prestar-lhe sua solidariedade. Mesmo as pessoas idosas deixavam transparecer nas fisionomias a alegria de conhecer Anita. No corredor do andar térreo dezenas de mulheres e crianças com ramalhetes de flores formavam duas filas até as

escadas que conduzem ao salão.

Todos os olhares se dirigiam para o portão de entrada esperando com ansiedade ver chegar Anita. Quando Anita surgiu no portão, ecoaram as palmas e os vivas, cheios de entusiasmo. O nome do «cavaleiro da esperança» — Prestes — era um grito uníssono a ecoar pelo salão. Foi preciso esperar alguns momentos para se dar início às homenagens a Anita bem como a entrega de vários presentes. Visivelmente emocionada pela grande ovação, Anita pronunciou um breve discurso de agradecimen-

Muitas pessoas choraram de emoção e alegria. Chegou a hora dos abraços e felicitações. Eram velhos e moços, mulheres e operários, antigos companheiros de lutas de Prestes que queriam abraçar Anita. Brasileiros de todos os recantos de nosso país, bem como gente da terra de Alvaro Cunhal e de Dolores Ibaruri, irmanavam-se nesta homenagem a Anita. Ali estava o sentimento de solidariedade de um povo que a reação não conseguiu apagar. Ali estava o lado humano da vida na homenagem à jovem arrancada das garras de Hitler pela solidariedade dos povos do mundo inteiro.



O algodão, um dos produtos agrícolas em que se baseia a economia do nordeste, pode ser vendido aos países socialistas